

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula – LIV

Programa de Pós-Graduação em Lingüística – Mestrado

**UMA ANÁLISE LÉXICO-TERMINOLÓGICA DOS PREDICADOS COMPLEXOS NO PORTUGUÊS:
AS CONSTRUÇÕES COM VERBOS-SUPORTE NA ÁREA DE INFORMÁTICA**

Luiz Henrique Santana Neves

Brasília
2006

LUIZ HENRIQUE SANTANA NEVES

**UMA ANÁLISE LÉXICO-TERMINOLÓGICA DOS PREDICADOS COMPLEXOS NO PORTUGUÊS:
AS CONSTRUÇÕES COM VERBOS-SUORTE NA ÁREA DE INFORMÁTICA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de MESTRE EM LINGÜÍSTICA, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: **Prof^a Doutora Enilde Faulstich**

Brasília, 29 de junho de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Enilde Faulstich (LIV) – Presidente

Profa. Dra. Vilma Reche Correa (LIV) – Membro efetivo

Profa. Dr. René G. Strehler (LET) – Membro efetivo

Profa. Dra. Rachel do Valle Dettoni (LIV) – Membro suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus, na pessoa do Senhor Jesus Cristo, por todas as bênçãos recebidas, pela capacitação e pelos sonhos em mim plantados.

À minha mãe pelo amor incondicional, pelo apoio constante e pelo respeito.

À Professora Doutora Enilde Faulstich, pela orientação desta dissertação, pela confiança e pela paciência dispensada.

À minha família por fazerem ser quem sou.

Ao Juan Lozano pelo amor e pelo carinho que chegam de longe.

Aos amigos de trabalho, Mariane Gonçalves, Maria Aparecida R. Gomes, Vanessa Godoi, Leila Aguiar, Cláudia Ramos, Maura Lúcia, Lucinara Adjuto, Anderson Silva, Fátima Lecy, Suélen Ivna e Luís Carlos Mourão, pelo incentivo e apoio.

Aos meus colegas de UnB, Deborah Oliveira, Marcus Lunguinho, Leia de Jesus, Fernanda Damiani, Fernanda Paiva, Elisabeth Alves, Elzamária, Christiane, Grazielle Alencar e Samara Nogueira pelas experiências compartilhadas.

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I REVISÃO DE LITERATURA.....	10
1 Introdução.....	10
1.1 Neves (1999a,1999b).....	10
1.2 Borba (1996,2003).....	13
1.3 Baron & Herslund (1998).....	15
1.4 Síntese.....	18
CAPÍTULO II DISCUSSÃO TEÓRICA.....	19
2 Introdução.....	19
2.1 A Teoria da Gramática Funcional: pressupostos teóricos	19
2.2 As Funções Semânticas.....	27
2.3 Mecanismos Limitadores do Poder Explicativo da TGF.....	29
2.4 Síntese.....	30
CAPÍTULO III METODOLOGIA DE PESQUISA	31
3 Introdução.....	31
3.1 Escolha do Domínio.....	31
3.2 Lexicologia e Terminologia: semelhanças, limites e diferenças.....	32
3.3 Os Empréstimos Lingüísticos e a Expansão do Léxico.....	33
3.4 Os Fraseologismos como Unidades Lexicais.....	35
3.5 Coleta e Seleção de Dados.....	36
3.6 Síntese.....	39

CAPÍTULO IV ANÁLISE DE DADOS.....	40
4 Introdução à Análise.....	40
4.1 Formação de Palavras e Predicados: Regras Morfossintáticas.....	41
4.1.1 A Formação de Verbos Plenos.....	44
4.1.2 As Construções Vsup + N com Núcleos Predicativos por Empréstimo.....	47
4.1.3 A Cognição como Fator de Formação de Palavras.....	50
4.1.4 Construções Vsup + N com Núcleos Nominais de Origem Portuguesa.....	51
4.1.4.1 A Formação de Nomes Abstratos (Na _s).....	52
4.1.4.2 Análise Predicado-Argumento (P-A) dos Nomes Abstratos.....	53
4.1.4.3 Nomes Abstratos como Nominalizações Deverbais.....	54
4.1.4.4 A Formação de Nomes Abstratos: Uma Proposta Lexicalista.....	56
4.1.5 A Proposta Lexicalista e a Formação das Construções Vsup + Na	56
4.1.6 Conclusões Preliminares.....	64
4.2 A Formação de Predicados Subjacentes: A Regra do Vsup Copulativo.....	65
4.2.1 A Formalização das Construções Vsup + Na.....	69
4.2.1.1 A Configuração das Funções Sintáticas Sujeito e Objeto.....	72
4.2.1.2 O Estado de Coisas nos Predicados Vsup + N.....	75
4.2.2 Conclusões Preliminares.....	77
4.3 A Configuração das Funções Pragmáticas Tópico e Foco.....	79
4.3.1 A Significação das Construções Vsup + N nos Enunciados.....	85
4.3.2 Conclusões Preliminares.....	89
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 91
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 94

O foco da presente pesquisa é a análise das construções com verbos-suporte no português do Brasil, constituídas pelos verbos-suporte *dar*, *fazer*, *ter* e *tirar*. A análise dessas construções foi feita com base na terminologia da área de informática, uma vez que a formação, a produtividade e o uso desses predicados complexos, nessa área de especialidade, são bastante elevados. Com vistas a efetivar tal análise, foi adotada, no presente trabalho, a Teoria da Gramática Funcional, de Simon Dik. Esse marco teórico, por subordinar as regras semânticas, morfológicas e sintáticas ao componente léxico, permite equivalência de análise entre predicados complexos e predicados ou palavras simples. Os resultados alcançados evidenciam que os nomes abstratos, em posição de Objeto dos verbos-suporte, determinam a formação das construções estudadas e evidenciam, ademais, que a formação e a alta produtividade desses predicados analíticos constituem, na área de informática, uma necessidade pragmática, para transmissão do conhecimento especializado. Além disso, esses resultados apontam para os mecanismos de ampliação do léxico, quando do recebimento de novas palavras na língua.

Palavras- Chave: verbos-suporte, morfossintaxe, construções, predicados complexos, cognição, léxico, nomes abstratos, pragmática, terminologia, informática.

ABSTRACT

The present research aims at analysing the support-verb constructions - with verbs of *give*, *make*, *have* and *take off*- in Brazilian Portuguese. The analysis of such constructions was done based on the terminology of the domain of informatics, since formation, productivity and use of these complex predicates is rather broad in this domain of specialty. In order to accomplish such an analysis Simon Dik's Theory of Functional Grammar has been employed. The given theoretical apparatus subordinates semantic, morphologic and syntactic rules to the lexical component and allows to equal the analysis between complex predicates and simple predicates or simple words. The results show that abstract nouns, which function as Objects of support-verbs, determine the formation of the studied structure and also evidence that formation and high productivity of these analytical predicates constitute, within the domain of informatics, a pragmatic necessity in order to communicate specialized knowledge. Moreover, the pursued results point to the mechanisms of lexicon enlarging whenever a language receives new words.

Keywords: support-verbs, morphosyntax, constructions, complex predicate, cognition, lexicon, abstract nouns, pragmatics, terminology, informatics.

A presente dissertação tem como objeto de pesquisa as construções com verbos-suporte, constituídas pelos verbos-suporte *dar*, *fazer*, *ter* e *tirar*. Essas construções são analisadas por meio da terminologia da área de informática, uma vez que a formação, a produtividade e o uso desses predicados complexos, nessa área de especialidade, são bastante elevados. A pesquisa realizada é de natureza qualitativa, adota uma abordagem funcionalista da linguagem e se insere na área de Léxico e Terminologia.

Como há constantes debates na lingüística acerca dos aspectos que envolvem a formação e o uso das construções com verbos-suporte e dos fatores que as distinguem dos predicados verbais plenos e expressões idiomáticas, apresentamos, nesta pesquisa, as discussões mais recentes sobre tais temas, a fim de priorizá-las também em nossas análises, pois entendemos que essas discussões tornam mais eficaz o tratamento dos fatos de língua observados.

O capítulo I é dedicado a apresentar o conceito e a caracterização dos verbos-suporte e das construções formadas por esses verbos na visão dos seguintes autores: Neves (1999a,1999b), Borba (1996, 2003) e Baron & Herslund (1998). Por meio das considerações desses autores, será possível sintetizar algumas conclusões que darão início às nossas análises.

Para analisar e explicar os fenômenos e fatos que surgem quando estudamos, de modo mais aprofundado, as leis que regem a natureza e também o comportamento humano, é necessária a adoção de um modelo teórico que consiga generalizar o maior número de fatos observáveis.

Nesse sentido, os pressupostos teóricos da Gramática Funcional (GF) de Dik (1997), apresentados no capítulo II, mostram-se mais apropriados para a explicação dos aspectos lingüísticos de formação e uso das construções com verbos-suporte da área da informática no português do Brasil.

No capítulo III, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para recolha, seleção e organização de dados que constituíram o *corpus* composto, principalmente, de dados que apresentam construções com verbos-suportes cujos núcleos predicativos são unidades terminológicas da área da informática. Por utilizarmos a terminologia como base de constituição de *corpus* e, pelo fato de essa terminologia ser também constituída de empréstimos lingüísticos, faz-se necessário, nesse capítulo, apresentar alguns esclarecimentos sobre o objeto dos estudos lexicológicos e terminológicos e do importante papel desempenhado pelos neologismos terminológicos na compreensão dos mecanismos lingüísticos de ampliação do léxico. Além disso, apresentaremos, no capítulo em questão, uma breve discussão acerca dos predicados complexos, enquanto unidades fraseológicas e lexicais.

No capítulo IV, os dados são analisados com base na síntese apresentada no capítulo I, subseção 1.4, e também à luz do modelo teórico apresentado no capítulo II. O capítulo IV é, ainda, subdividido em três seções, que priorizam os seguintes aspectos: (i) proposta de análise, no português, de verbos plenos, nomes da área da informática e, também, de construções com verbos-suporte cujos núcleos predicativos são constituídos por nomes terminológicos de origem inglesa e portuguesa (seção 4.1); (ii) proposta de formalização e análise dos predicados formadores das construções com verbos-suporte (seção 4.2); (iii) análise dos aspectos pragmáticos envolvidos na formação e alta produtividade das construções com verbos-suporte na área de informática no português do Brasil (seção 4.3). Ao final de cada uma dessas seções, apresentamos as conclusões preliminares.

Destina-se às Considerações Finais o resultado de todas reflexões e análises apresentadas ao longo deste estudo. Por fim, apresentamos as Referências Bibliográficas que fundamentaram o conteúdo das análises.

É necessário esclarecer, ainda, que cada capítulo possui uma breve introdução, síntese final ou conclusão preliminar que permitem ao leitor ter um melhor entendimento das idéias e discussões apresentadas.

1 Introdução

Neste capítulo, objetivamos caracterizar as construções com verbos-suporte na língua portuguesa, considerando as discussões de Neves (1999a,1999b) e Borba (1996, 2003). Em seguida, apresentaremos também as considerações de Baron & Herslund (1998), que analisam, à luz da Teoria da Gramática Funcional, as construções com verbos-suporte na língua inglesa e holandesa.

As razões para a escolha desses trabalhos devem-se aos seguintes fatos:

1. Os três trabalhos, apesar de algumas variações, apresentam definições em comum sobre as construções com verbo-suporte;
2. As considerações de cada um desses pesquisadores fornecerão elementos importantes para análise das construções com verbo-suporte aqui empreendidas;
3. Os três autores utilizam, como fonte de análise, dados empíricos em contextos reais de uso.

Urge esclarecer, ainda, que todos os dados apresentados no presente capítulo foram extraídos e, quando necessário, adaptados das obras dos supracitados autores.

1.1 Neves (1999a, 1999b)

Em sua *Gramática de Usos do Português*, Neves (1999a) afirma que os verbos-suporte ou verbos leve são aqueles que têm um significado bastante esvaziado e formam, juntamente com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente a um verbo pleno da língua.

- (1) Odete DEU UM GRITO, alguém acendeu a luz. (= gritou)
- (2) Severino FAZ UM ACENO para o cangaceiro. (= acena)

A autora ainda explica que algumas construções com verbos-suporte não mantêm relação de paráfrase com um verbo pleno equivalente:

(3) *Dá uma cotovelada* em Chico. (= Ø)

(4) *Dar umas caneladas* e bofetões. (= Ø)

Em seguida, a autora ilustra alguns verbos, que, apesar de não serem suporte, são semanticamente vazios. Tais verbos, em conjunto com os objetos diretos, constituem expressões idiomáticas, cristalizadas ou fixas e podem manter relação de paráfrase com verbos plenos, a exemplo das construções com verbos-suporte:

(5) O homem *faz parte* da natureza. (= participa)

(6) O suco da fruta, porém, *faz sucesso* no exterior.

Num outro extremo de construções com verbos-suporte e de expressões idiomáticas, encontram-se, segundo Neves, as construções do tipo *verbo pleno + objeto direto*. Essas construções não formam, como as construções com verbos-suporte e expressões idiomáticas, um bloco semântico e, por isso, no predicado, mantêm a identidade semântica individual de cada palavra.

(7) *Fiz um exame pré-nupcial* e descobri que era estéril, não podia *ter filhos*.

Neves começa a demonstrar, já na *Gramática de Usos do Português* (1999a), sua preocupação em diferenciar as construções com verbos-suporte, das expressões cristalizadas e das construções com verbo pleno.

Assim, no artigo intitulado *A Delimitação das Unidades Lexicais: O caso das Construções com Verbo-Suporte* (1999b), a autora desenvolve uma análise que visa a distinguir as construções com verbos-suporte, das expressões cristalizadas e predicados com verbos plenos. Todos esses predicados, segundo Neves, correspondem à estrutura *V(erbo) + Obj(eto)*.

Dessa forma, a pesquisadora propõe uma série de testes de constituintes baseados nas propostas de Gross & Vivès (1986, *apud* NEVES, 1999b) e nas propostas do gerativista Radford (1988, *apud* NEVES, *idem*), que procuravam responder às mesmas questões. Tais testes baseiam-se, principalmente, nas seguintes operações sintáticas: distribuição, anteposição, posposição, coordenação de constituintes, intercalação de advérbios entre constituintes e elipse de constituintes.

Mesmo com os testes, Neves não consegue estabelecer diferenças entre os três tipos de construções *V + Obj* estudadas, concluindo, então, que as construções com verbo-suporte ora se comportam como construções com verbos plenos, ora se comportam como expressões cristalizadas.

Apesar disso, a autora explicita importantes considerações acerca das estruturas *V + Obj*, concentrando seu foco nas construções com verbos-suporte:

- a) “nas combinatórias de verbos com sintagmas nominais complementos, o movimento de construção parte cognitivamente do substantivo núcleo do complemento (mais aceitável) para o verbo (menos aceitável), isto é, o falante, em seu desempenho, busca um substantivo para combinar com um determinado verbo”;
- b) os verbos-suporte apresentam natureza semântica básica e funcionam como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;
- c) é o bloco [verbo-suporte + nome] que atribui papel temático à predicação como um todo.

Tais conclusões serão muito valiosas para as análises e considerações aqui empreendidas; mais adiante, observaremos que as conclusões (a) e (b) estão também presentes em Borba (1996, 2003).

1.2 Borba (1996, 2003)

Borba (2003, p. 62) observa que as construções com verbos-suporte se caracterizam por terem um verbo associado a um nome (N) ou a um adjetivo (A) na função de núcleo do predicado¹. “O verbo, nas construções com verbos-suporte, perde seu significado lexical, mas não perde propriamente o significado gramatical”.

Assim, as construções com verbos-suporte são caracterizadas pelo autor como sintagmas verbais complexos, nos quais o verbo-suporte aponta para a função predicativa do N/A e suporta ou expressa as categorias de tempo, modo, número e pessoa.

Dessa forma, o autor subdivide as construções com verbo-suporte da seguinte maneira:

1. aquelas cuja função é apenas expressar as categorias verbais apontadas: ter medo = temer; abrir falência = falir; soltar um grito = gritar;
2. aquelas que, além de expressarem as categorias verbais apontadas, associam-se a sujeitos objetivos, experienciadores ou causativos para formarem predicados possessivos e causativos: (i) *Não sorriu. Mas ficou alegre* = alegrou-se (processo); Os passos faziam um eco que dava medo = amedrontava (causatividade).

Os verbos-suporte mais básicos, segundo Borba (2003), são: *ficar, tornar-se, virar, ter* (processivos) e *dar, fazer, pôr* (causativos). Partindo desses dois grupos verbais básicos semanticamente caracterizados, constroem-se, no português, segundo o autor, as seguintes estruturas com verbos-suporte:

1. Vsup + (determinate/Quantificador) + Nome = fazer medo;
2. Vsup + Preposição + Substantivo = pôr em questão;

¹ A noção de predicado em Borba (1996) é semelhante àquela utilizada por Dik (1997). Para ambos os autores, os predicados designam relações entre categorias gramaticais que preenchem casas argumentais ou têm função nuclear. Em Neves (1999a, 1999b), a concepção de predicado se relaciona a verbos, seus complementos e adjuntos.

3. Vsup (ser, ficar, tornar-se etc.) + Adj/ N/ Sintagma Adj/ Sintagma Nominal = ser introvertido, ficar satisfeito.

Na *Gramática de Valências para o Português*, Borba (1996), faz uma distinção mais minuciosa entre os diferentes tipos de verbos-suporte, destacando:

Quanto à distribuição levar-se-á em conta que os verbos-suporte disponíveis na língua não se combinam com qualquer nome abstrato. O grupo de *ter/estar* tem distribuição mais ampla que o grupo de *fazer/dar*.

Segundo o autor, os verbos-suporte do grupo de *estar/ter* combinam-se com qualquer nome abstrato, sejam eles de *ação*, de *estado* ou de *processo*. Já os verbos do grupo de *fazer/dar* somente se associam a nomes abstratos de *ação*.

Nomes abstratos devem ser entendidos, em Borba (1996, p. 65), como substantivos que “não têm referente no mundo, mas constituem-se em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou estados de coisas (corrida, lerteza, crença etc.)”.

Na obra de 1996, Borba apresenta e adota a posição de Gross (1986), que defende uma análise do tipo Predicado-Argumento (P-A) para a formação dos nomes abstratos. Nessa análise, considera-se que, para cada frase nominal na estrutura superficial², há uma construção *verbo-suporte + N abstrato* (*Vsup + Na*) equivalente na estrutura profunda.

Nesse sentido, Borba (1996) considera que as frases nominais são derivadas de construções com verbos-suporte. Esse processo ocorre transformacionalmente por meio do apagamento dos verbos-suporte na estrutura profunda:

Estrutura Profunda

Estrutura Superficial

- (8) Ele faz estudos de eclipses > estudo de eclipses.

² “Estrutura Superficial” e “Estrutura Profunda” são termos adotados e utilizados por Borba (1996, p. 92-93).

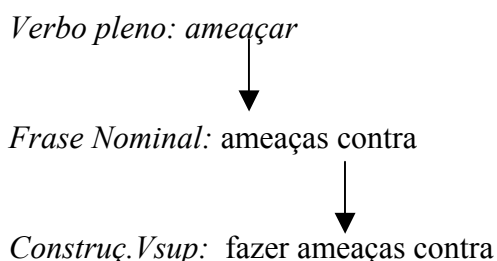
A exemplo de Neves (1999b), Borba (1996, 2003) considera que os nomes são os regentes das construções com verbos-suporte, pois “dado um nome predicativo a ele se associa um verbo-suporte”.

Não nos aprofundaremos mais nas discussões apresentadas em Borba (1996, 2003), pois as detalharemos mais no capítulo reservado à análise de dados. Ressaltamos, porém, que as noções apresentadas nos três últimos parágrafos desta subseção serão de grande valia para este estudo.

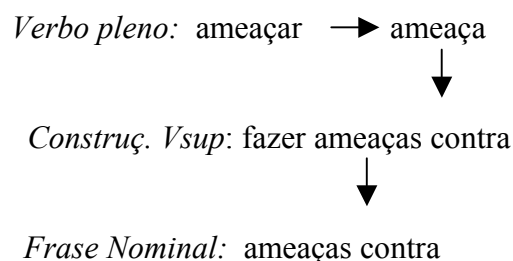
1.3 Baron & Herslund (1998)

No artigo *Support Verb Construction as Predicate Form* (1998), Baron & Herslund (In: Olbertz, Hegenveld e Garcia, 1998), visam a demonstrar que o bloco [Vsup + N], no qual N é um deverbal, originará sentenças nominais complexas. Este é um argumento contrário à análise tradicional, que considera serem as sentenças nominais derivadas diretamente de predicados verbais plenos.

Análise tradicional



Análise de Baron e Herslund



Baron & Herslund (1998) caracterizam as construções com verbo-suporte como predicados *verbo-nominais*, pois observam que, nessas construções, o núcleo do predicado é o nome e não o verbo-suporte:

The noun constitutes the lexical core of the combination whereas the role of the verb is reduced to expressing the verbal categories of tense, mood and aspect.[...] We shall in the following use the label Verbo-Nominal Predicate (VNP), which in our view renders the content of the notion better than the current “ support verb construction” (BARON e HERSLUND, 1998, p. 99).³

³ O nome constitui o cerne lexical da combinação, enquanto o papel do verbo está reduzido à expressão categorial de tempo, modo e aspecto [...]. A partir daqui, utilizaremos o rótulo predicado verbo-nominal,

Nesse sentido, os lingüistas prosseguem suas análises baseando-se, unicamente, nas construções com verbos suporte (*Vsup*), nas quais figuram o verbo inglês *do* ‘fazer’ e seu equivalente holandês *fremsætte*. Propõem, então, uma série de testes sintáticos que demonstram serem as frases nominais mais próximas das construções com *Vsup* do que das construções com verbos plenos.

Um dos testes propostos pelos autores diz respeito à seleção de preposições por parte dos deverbais núcleos nas construções com *Vsup* e também núcleos nas frases nominais:

Seleção de Preposições

- (9) Os terroristas ameaçaram o embaixador.
- (10) Os terroristas fizeram ameaças contra o embaixador.
- (11) A ameaça dos terroristas contra o embaixador.
- (12) A ameaça terrorista contra o embaixador.

Baron & Herslund afirmam que as frases (11) e (12) se formam a partir da sentença com verbo-suporte (10) e não diretamente da sentença com verbo pleno (9), pois a preposição *contra*, utilizada em (11) e (12), é também observada em (10), mas não em (9). O que demonstra, para esses autores, que as construções com verbos-suporte estão mais próximas das frases nominais, do que dos predicados verbais plenos.

As frases nominais (11) e (12) seriam, portanto, formadas a partir do apagamento do verbo-suporte da frase de base (10).

Essas considerações serão muito importantes para este estudo, pois tratam da formação das construções com verbos-suporte. No entanto, como podemos verificar, não há um acordo entre os lingüistas sobre a formação desses predicados complexos. Ora os consideram como predicados derivados de verbos plenos e frases nominais (análise tradicional), ora os relacionam à formação de frases nominais (BARON & HERSLUND, 1998).

pois, em nossa opinião, essa designação, em termos de conteúdo, é mais precisa que a usual “construção com verbo-suporte”.

A fim de entender os aspectos que norteiam a formação dessas construções, apresentamos, no capítulo IV, as considerações de diferentes lingüistas⁴ e, a partir dessas considerações, proporemos que a formação desses predicados complexos ocorre independentemente de um verbo pleno de base ou de uma frase nominal.

Chamamos atenção aqui para o fato de que as análises sobre as construções com verbos-suporte empreendidas por Baron & Herslund (1998), parecem ser as únicas feitas no âmbito da abordagem funcionalista e, em especial, no da Gramática Funcional.

Não obstante, as propostas desses dois autores, além de serem contrárias à proposta tradicional, divergem também, em alguns aspectos, das análises observadas em Dik (1978,1997), pois esse autor considera que Sujeitos e Objetos são simples posições sintáticas e somente podem ser assinaladas aos argumentos dos predicados subjacentes, quando esses já tenham recebido, por meio das regras abstratas do marco predicativo, as funções semânticas (papéis temáticos). Todavia, Baron & Herslund (1998, p. 112) contra-argumentam:

[...] contrary to the view of FG according to which subject and object are purely syntactic notions which do not appear predicate frames, we assume that the valence frame of a verb consist of two parts, an argument structure with semantic function (SF) such as Agent and Goal and a grammatical structure with grammatical relation (GR) such as subject and object; grammatical valence are thus part of our valence frames (BARON & HERSLUND, op. cit., p. 112).⁵

Adotaremos, na presente pesquisa, a proposta de Dik (1997), contudo ressaltamos que as considerações de Baron & Herslund (1998), apresentadas no parágrafo anterior são bastante interessantes, pois, além de promoverem reflexões acerca dos postulados da Teoria da Gramática Funcional, ressaltam uma importante discussão da teoria lingüística atual, que diz respeito a interpendências entre relações semânticas e sintáticas.

⁴ *Apud*, BORBA (1996).

⁵ [...] contrariamente à visão da Gramática Funcional (GF), de acordo com a qual Sujeitos e Objetos são puras funções sintáticas, não observadas no marco predicativo, postulamos que a estrutura valencial de um verbo consiste de duas partes, uma estrutura argumental com função semântica (FS), como Agente e Meta, e uma estrutura gramatical relacional (GR), como as funções sintáticas Sujeito e Objeto; a valência gramatical é, portanto, parte integrante de nossa estrutura valencial.

1.4 Síntese

Por meio de todas as discussões apresentadas neste capítulo, podemos sintetizar, a seguir, os aspectos mais relevantes para esta pesquisa:

- i. As construções com verbo-suporte caracterizam-se por apresentar a seguinte estrutura: $V_{sup}(orte) + N(ome)$.
 - ii. Os verbos-suporte apresentam natureza semântica básica e funcionam como instrumento gramatical (morfológico e sintático) na construção do predicado.
 - iii. A formação dos predicados complexos $V_{sup} + N$ parte do nome núcleo do predicado que ocupa a posição de objeto direto dos verbos-suporte.
-

2 Introdução

Neste capítulo, apresentaremos os principais pressupostos teóricos da Teoria da Gramática Funcional (TGF). Assim, explicitaremos os princípios teórico-operacionais e as funções semânticas, observados em Dik (1997), a fim de efetivar nossas análises e propostas.

Por fim, apresentaremos as considerações de Dik (idem) concernentes aos mecanismos operacionais que restringem o poder explicativo da TGF.

2.1 A Teoria da Gramática Funcional: Pressupostos Teóricos

Dik apresentou, pela primeira vez, a Teoria da Gramática Funcional (TGF) em 1978 ao publicar o livro *Functional Grammar*. Desde então, essa teoria tem sido utilizada em estudos lingüísticos baseados nas mais variadas línguas (CAFÉ, 1999).

As pesquisas realizadas com base na obra de 1978 permitiram que a teoria fosse revisada, melhorada e desenvolvida. Em 1989, Dik publica, então, o segundo livro, *The Theory of Functional Grammar*. Essa obra visava a responder a seguinte questão: como as expressões lingüísticas das línguas naturais podem ser descritas e explicadas levando-se em conta os princípios de adequação tipológica, pragmática e psicológica?

Em 1997, é publicado o terceiro livro *The Theory of Functional Grammar Part I and II* (TGF I e TGF II). Trata-se de uma obra póstuma, pois Dik faleceu em 1995 aos cinquenta e cinco anos de idade. Os dois volumes foram editados por Hengenveld que colaborou com Dik, ainda em vida, na composição e organização das idéias.

Os livros de 1997, a exemplo da obra de 1989, também buscam explicar e descrever as expressões lingüísticas a partir dos princípios de adequação tipológica, pragmática e psicológica.

A adequação tipológica determina que a Teoria da Gramática Funcional deve ser suficientemente eficiente para prover os meios e princípios necessários ao

desenvolvimento de gramáticas funcionais de línguas tipologicamente distintas, a fim de explicar as similaridades e diferenças entre os diferentes sistemas lingüísticos (CAFÉ, 1998; DIK, 1997; NEVES, 2004 e PEZATTI, 2004).

O princípio funcionalista de adequação pragmática é o que tem maior peso na TGF, pois prioriza a interação verbal como fator principal de explicação dos fatos e fenômenos que envolvem linguagem humana. A interação verbal deve ser entendida como um modelo do ato comunicativo no qual interagem um emissor e um receptor (PEZATTI, 2004).

Finalmente, o princípio de adequação psicológica determina que a teoria deve dar conta de explicar o modo pelo qual as expressões lingüísticas são percebidas, interpretadas, processadas, armazenadas, recuperadas e produzidas.

A fim de atingir os objetivos propostos pelos princípios de adequação tipológica, pragmática e psicológica, a TGF está baseada em vários princípios operacionais e metodológicos, que objetivam descrever e explicar os fenômenos e fatos lingüísticos, primando sempre pelo pressuposto funcionalista, que supõe a linguagem como instrumento de interação verbal. A língua em uso é, portanto, o objeto de estudo dessa teoria.

Nesse sentido, a pragmática, na TGF, é hierarquicamente superior às regras gramaticais, pois a semântica, nas expressões lingüísticas, depende prioritariamente do uso, e a sintaxe é subordinada à semântica, à medida que a ordem e a estrutura dos constituintes dependem da significação que se queira dar às expressões lingüísticas em uso (PEZATTI, 2004, p. 170).

Dessa forma, a TGF prioriza para a análise lingüística dois tipos de regras baseadas em convenções sociais:

- (i) regras que governam a formação das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas);
- (ii) regras que determinam a interação verbal nas quais essas expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas).

As regras (i), como explicamos, estão subordinadas às regras (ii), pois “uma teoria da linguagem não deve se contentar somente em compreender e descrever as regras gramaticais de uma língua, mas sim deve tentar, sempre que possível, dar explicações sobre a funcionalidade”, ou seja, sobre o uso das expressões lingüísticas num contexto de interação verbal (DIK, 1978).

A TGF supõe que o falante constrói expressões lingüísticas por meio das predicacões, que são regras abstratas de formação de predicados (DIK, 1997).

Café (1998) e Neves (2004) observam que os predicados são expressões que designam propriedades, como categorias gramaticais, e relações entre entidades, como funções semânticas. Além disso, os predicados são constituídos por termos, que são expressões lingüísticas sob a forma ou função de um nome (N) ou adjetivos (A), que apontam para uma entidade ou referente no mundo real ou imaginário.

Todos os predicados e termos estão contidos e se formam no *Fundo Lexical* (Dik, 1997, p. 58-59). A TGF prioriza o componente léxico em detrimento dos outros componentes lingüísticos, à medida que subordina as regras fonológicas, semânticas, morfológicas e sintáticas de formação de predicados e termos derivados ao *Fundo Lexical*.

Dessa maneira, Dik (1997) considera que todos os itens lexicais de uma língua devem ser analisados como predicados e, para tanto, o autor estabelece um conjunto de princípios teórico-operacionais que permitem à Gramática Funcional formar e produzir todos os itens lexicais sob a forma de predicados e termos, quais sejam:

- Os predicados podem ser *básicos* ou *derivados*. Eles serão básicos se tiverem de ser aprendidos pelos falantes a fim de serem usados adequadamente em contextos de interação verbal. Serão derivados se puderem ser formados mediante regras regulares, sincrônicas e produtivas a partir do componente formador de predicados.
- Predicados básicos podem ser raízes, palavras ou combinação de palavras.

- Todos os predicados básicos estão listados no léxico. Assim sendo, o léxico contém todo o estoque de predicados básicos de uma língua;
- Os predicados derivados serão formados a partir do componente de predicados derivados. A consequência disso é que o componente formador de predicados mapeará e formará as regras abstratas de formação de predicados do componente de predicados derivados.
- A outra metade do *Fundo Lexical* é constituída de estruturas de termos. Os termos são expressões lingüísticas que podem ser utilizadas para se referir a qualquer entidade do mundo real ou imaginário.
- Termos básicos são itens lexicais que só podem ser usados como termos, e não como predicados. Além disso, devem ser (re)conhecidos pelos falantes, a fim de serem utilizados adequadamente num contexto comunicativo (pronomes pessoais e nomes próprios). A maior parte dos termos, ou seja, os termos derivados são formados mediante regras do componente formador de termos.

A fim de melhor esclarecer os princípios teórico-operacionais acima pontuados, apresentaremos, a seguir, a figura proposta por Dik (1997), na qual poderemos observar o modelo geral de formação de predicados, termos e expressões lingüísticas da TGF.

É necessário ressaltar, ainda, que o modelo a ser apresentado ilustra o *Fundo Lexical*, em cujos componentes estão contidos e se formam todos os itens lexicais e, também, ilustra os diferentes níveis de formação de predicados e termos derivados.

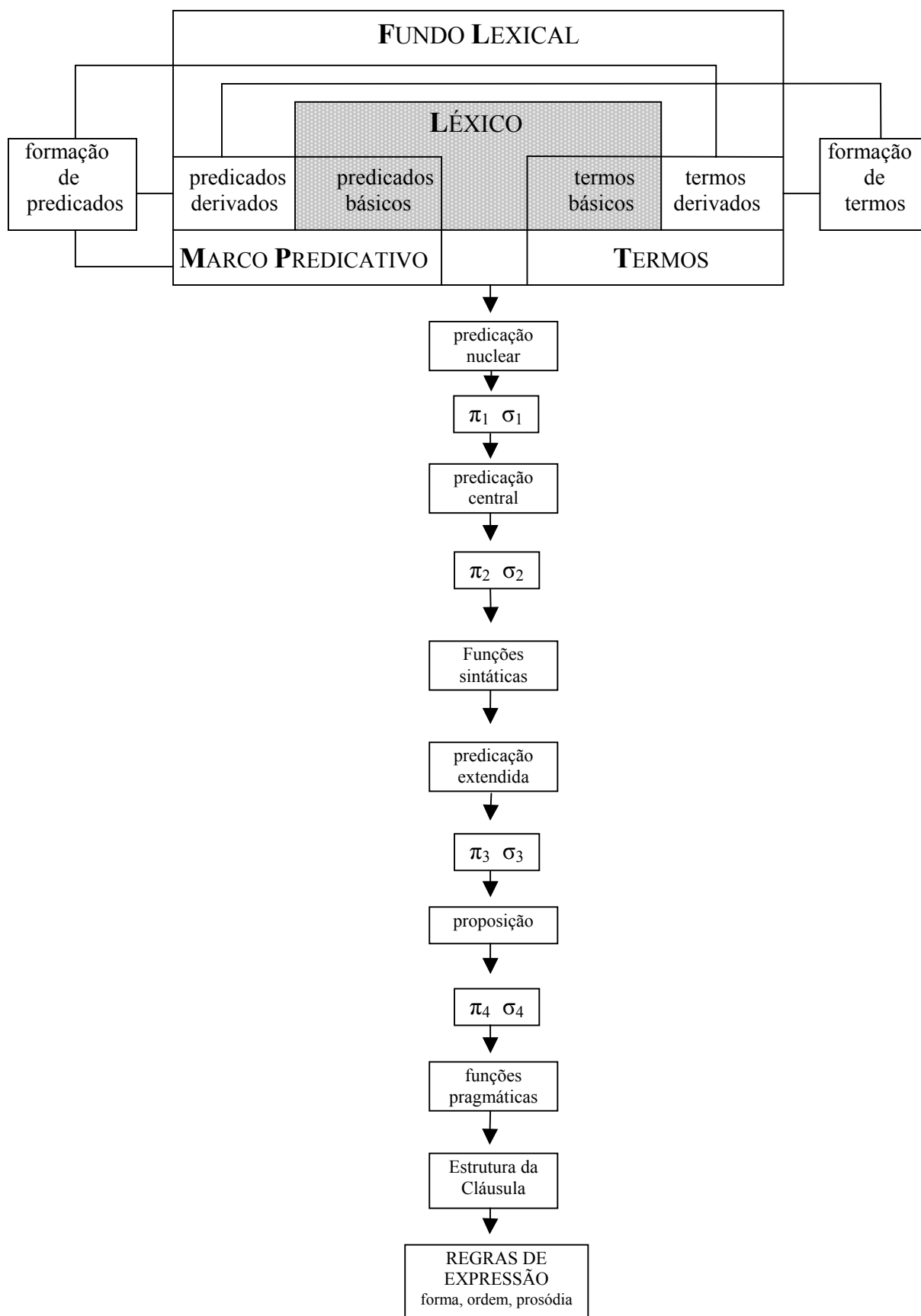


Figura 1: Modelo Geral da GF

Baseada nos princípios teórico-operacionais anteriormente apresentados e na *Figura 1*, Neves (2004) explica:

Dik (1989) apresenta, pois, a estrutura subjacente de cláusula como uma rede estratificada complexa na qual um grande número de diferentes elementos pode operar em diferentes níveis, criando toda sorte de dependências. As regras de expressão, que medeiam entre essa rede subjacente e a forma real da expressão lingüística, também formam uma estrutura complexa (NEVES, 2004, p. 91)

Assim, os predicados derivados, segundo Dik (1997), são formados por meio de regras abstratas do componente formador de predicados. Após a formação dessas regras abstratas, obtêm-se, já no marco predicativo, regras de predicação subjacente, como a observada em (1):

$$(1) \quad (f_i: \text{dar}) [V] (x_1: < \text{animado}>)_{\text{Agente}} (x_2)_{\text{Meta}} (x_3: < \text{animado}>)_{\text{Receptor}}$$

Onde:

f_i : simboliza as propriedades de relação designadas pelo predicado

Dar [V]: núcleo do predicado verbal [V]

x_1, x_2 e x_3 : representam, subjacentemente, o número de argumentos dessa predicação e suas funções semânticas (agente, meta e receptor)

Uma vez que se determinam essas regras subjacentes no nível do marco predicativo, as predicações podem constituir os predicados derivados propriamente ditos e recebem, assim, os termos que preencherão suas casas argumentais (X_1, X_2 e X_3), formando, com isso, predicações fechadas⁶ no nível de predicação nuclear (2):

$$(2) \quad (f_i: \text{dar}) [V] (\text{o garoto})_{\text{Ag}} (\text{o livro})_{\text{Met}} (\text{à garota})_{\text{Rec}}$$

Já os termos derivados, explica Dik (1997), são formados por meio das regras abstratas do componente formador de termos. Essas regras obedecem ao seguinte esquema geral:

$$(3) \quad (\omega x_i: \varphi_1(x_i): \varphi_2(x_i): \dots: \varphi_n(x_i))$$

⁶ São fechadas, pois todas as suas casas argumentais estão preenchidas pelos termos. Quando pelo menos uma casa argumental não é preenchida, tem-se uma predicação aberta.

Onde:

ω corresponde a um ou mais operadores de termos

x_i simboliza a referência pretendida quando do uso do termo

Cada $\varphi(x_i)$ é uma predicação aberta em (x_i) (o marco predicativo determina que todas as posições são ocupadas por um termo, exceto aquela posição ocupada por x_i).

Após a operação dessas regras abstratas, os termos derivados constituem, por exemplo, a seguinte forma abstrata (4):

(4) O elefante grande que vive no zoológico [...].

(d1 x_i : elefante [N] (x_i) \emptyset : grande [A] (x_i) \emptyset :

vive [V] (x_i)_{Posição} (d1 x_j : zôo [N] (x_j) \emptyset)_{Locativo})

A estrutura de termo derivado em (4) pode ser assim parafraseada: definido d , singular I , entidade x_i , tal que x_i tem a propriedade de ser *grande* [A] e *viver* [V] em uma entidade definida d , singular I x_j ; tal que x_j apresenta a propriedade de ser *zoológico*.

Observamos que (4) apresenta uma frase composta por dois termos: *o grande elefante* e a oração relativa (adjetiva) *que vive no zoológico*. O núcleo do primeiro termo é o nome (N) *elefante* e, no segundo termo, o núcleo é o predicado *viver*. Todavia, o N *zoológico* desempenha um importante papel na formação desse termo, pois o verbo *viver*, exige a presença de um *locativo* à sua direita.

Dando prosseguimento às nossas explicações e, com vistas a manter o objetivismo do presente trabalho, primando pela clareza das noções até aqui apresentadas, explicitaremos, a seguir, a síntese feita por Neves (2004) concernente à apresentação dos distintos níveis, em que ocorrem a formação e produção de predicados e termos derivados na TGF.

Urge esclarecer, antes disso, que, no capítulo IV, detalharemos mais os processos de formação e produção de predicados e termos derivados na TGF, à medida que aplicaremos tais noções às nossas análises, formalizando os predicados complexos $V_{sup} + N$ da área de informática no português do Brasil.

Dessa forma, Neves (2004, p. 90) observa que a formação e produção de predicados e termos derivados se dá por meio da estrutura subjacente da cláusula ou frase, que pode ser descrita com base nos seguintes níveis:

1. “Predicação nuclear (*nuclear predication*): consiste na aplicação a algum predicado de um número apropriado de termos que preenchem as posições argumentais daquele predicado” (cf. dado (2));
2. Predicação central (*core predication*): predicação nuclear estendida pelos operadores de predicados π_1 , que determinam às predicações as noções aspectuais *perfectivo* ou *imperfectivo*; e pelos satélites σ_1 , que determinam ao predicado as noções de modo, velocidade e instrumento;
3. Predicação estendida (*extended predication*): predicação central estendida pelos operadores de predicação π_2 , que determinam, por exemplo, meios gramaticais temporais, como passado. É também nesse nível que começam a operar as funções sintáticas Sujeito e Objeto e, ainda, os satélites *locativos* σ_2 .

Os outros dois níveis de derivação de expressões lingüísticas da TGF, os níveis da *proposição* e o da *cláusula*, consistem, respectivamente, na representação de *modalidade subjetiva*, *crença* e *esperança* por meio da ação dos operadores π_3 e satélites σ_3 e na representação dos atos ilocucionários *declaração*, *interrogação* e *imperatividade* por meio dos operadores gramaticais π_4 e satélites σ_4 (NEVES, op. cit., p. 91).

Esses dois níveis de derivação expressam os traços pragmáticos ou contextuais que ocorrem fora dos limites dos predicados subjacentes. Ressaltamos, contudo, que esses traços norteiam as regras gramaticais subjacentes de formação e produção de predicados e termos derivados, observadas nos dados (1), (2), (3) e (4), à medida que tais regras estão subordinadas a fatores pragmáticos que determinam a formação das expressões lingüísticas finais (DIK, 1997 e NEVES, 2004).

Após o nível da *proposição*, as predicações subjacentes podem receber as funções pragmáticas Tópico e Foco em seus argumentos. A função pragmática “Tópico caracteriza as coisas de que falamos, o assunto; e a função pragmática Foco caracteriza as partes mais

importantes ou salientes que dizemos sobre as coisas que são o Tópico” (Neves, 2004, p. 95).

Nesse sentido, é necessário esclarecer, ainda nesta subseção, que os predicados, na TGF, expressam três tipos de funções: as semânticas, as sintáticas e as pragmáticas.

Sendo assim, faremos, a seguir, uma breve explanação acerca das funções semânticas que caracterizam os argumentos das predicções subjacentes. Contudo, não introduziremos as funções sintáticas (Sujeito e Objeto) e as pragmáticas (Tópico e Foco), pois as considerações sobre tais funções serão apresentadas, respectivamente, na subseção 4.2.1.1 e na seção 4.3, do capítulo reservado à análise de dados.

2.2 As Funções Semânticas

As funções semânticas (papéis temáticos) especificam os significados dos argumentos nas predicções. Dik (1997) explica que as funções semânticas apontam para o *estado de coisas* expresso pelas predicções ainda no nível do marco predicativo.

O *estado de coisas* indica algo provável de acontecer em algum mundo. É uma entidade conceitual e, portanto, não é algo que possa ser localizado no mundo real, numa realidade extramental (DIK, idem).

Um predicado pode designar os seguintes *estados de coisa*: *processo/ experiência, ação, processo e estado*:

- (5) a. João viu um pássaro. (Processo/Experiência)
- b. Ele atirou no pássaro. (Ação)
- c. O pássaro caiu. (Processo)
- d. Ele morreu. (Estado).

As funções semânticas caracterizadoras dos argumentos predicativos são determinantes para a especificação do *estado de coisas* expresso pelos predicados, e vice-versa.

Nesse sentido, Dik (1997, p. 105) observa que o *estado de coisas ação* somente se instaura, quando ao primeiro argumento de um predicado se aplica a função semântica *agente*. Da mesma forma, explica o autor, a função semântica *agente* somente se instaura ao primeiro argumento de um predicado, quando esse predicado recebe o *estado de coisas ação*.

A fim de efetivar nossas análises e propostas, empregando as noções anteriormente apresentadas, utilizaremos, no presente trabalho, as seguintes funções semânticas, extraídas de Dik (1997, p. 118-123):

- Agente (Ag.): função semântica aplicada ao argumento que pratica e controla uma ação (*João (Ag) beijou Maria*).
- Meta (Met.): função semântica aplicada ao argumento que é afetado ou que recebe ação de um outro argumento configurado com a função semântica Agente ou com a função semântica Força (*João (Ag) beijou Maria (Met)*; *A tempestade (Forç) destruiu a plantação de milho (Met)*).
- Força (Forç): função semântica aplicada ao argumento que não controla a ação, mas que afeta um argumento com função semântica *meta* (*A tempestade (Forç) destruiu a plantação (Met)*).
- Resultado (Res.): função semântica aplicada aos argumentos ou predicados que expressam a relação conceitual *resulta de* (embrião *somático* (Res) = embrião que *resulta de* uma célula somática).
- Ø (nula): entidade formal aplicada aos argumentos predicativos que não recebem ou não podem receber uma função semântica.

Esclarecemos que a função semântica *resultado* foi proposta por Café (1999) para a configuração semântica de alguns argumentos e predicados constitutivos de unidades terminológicas complexas (UTCs) da área de especialidade da *biotecnologia de vegetais*.

Neste estudo, adotamos a função semântica *resultado* para configurar os argumentos dos predicados formadores das construções com verbo-suporte da área da informática, uma vez que as funções semânticas propostas na TGF para a análise da língua comum, são, por vezes, insuficientes para abranger toda a gama de possibilidades significativas observadas nas linguagens de especialidade.

Assim, atribuiremos essa função semântica ao argumento (x_3) do seguinte predicado, que constitui parte de nosso *corpus* de análise:

(6)

$$\begin{array}{cccc} [(\text{converter}) [V] & ((x_1) [N])_{\text{Forç}} & ((x_2) [N])_{\text{Met}} & ((x_3)_{\text{Res}} [N])_{\text{Proc}} \\ [(\text{converter}) & (\text{Sensor})_{\text{Força}} & (\text{imagens})_{\text{Meta}} & (\text{sinais elétricos})_{\text{Res}}]_{\text{Proc}} \\ & & \text{Sensor } \mathbf{converte} & \text{imagens em sinais elétricos.} \end{array}$$

Onde: sinais elétricos resultam da conversão de imagens.

Esclarecemos, por fim, que as funções semânticas apresentadas nesta subsecção servirão também para configurar os complementos nominais dos nomes (N_s) que constituem os núcleos predicativos em posição de Objeto das construções estudadas.

2.3 Mecanismos Limitadores do Poder de Explicação da TGF

Dik (1978, 1987, 1997) observa que uma teoria gramatical pode falhar em pelo menos dois aspectos: (i) pode ser muito fraca (concreta demais), o que a incapacita de prover os meios necessários para a descrição das gramáticas particulares de diferentes línguas e (ii) pode ser muito forte (muito abstrata), o que a torna capaz de produzir gramáticas que excedam a classe de gramáticas das línguas humanas atualmente existentes.

De modo a evitar esses problemas, explica Dik (1997), “deve-se limitar ao máximo o poder descritivo de uma teoria da linguagem”. Dessa forma, a TGF evita uso de operações transformacionais, filtros e predicados semânticos abstratos.

2.4 Síntese

Neste capítulo, explicitamos os pressupostos teóricos da TGF que constituirão as bases de nossas análises, considerações e propostas acerca das construções com verbos-suporte na área de informática no português do Brasil.

Feito isso, apresentamos também as funções semânticas que serão utilizadas em nossas análises para configurar os argumentos e complementos nominais nas construções estudadas.

Por fim, explicitamos o fato de que a TGF restringe operações transformacionais, de filtro e de formação de predicados semânticos abstratos para a formação de predicados subjacentes.

3 Introdução

Apresentaremos, no presente capítulo, a metodologia utilizada para a recolha, seleção e análise dos dados. Antes, porém, faremos uma breve apresentação dos motivos que nos levaram à escolha da área da informática para a elaboração desta pesquisa e apresentaremos, também, outras discussões consideradas relevantes para a efetivação de nossas análises, considerações e propostas.

3.1 Escolha do Domínio

O *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa* de A. Houaiss (2001) define informática como “o ramo do conhecimento dedicado ao tratamento da informação mediante o uso de computadores e demais dispositivos de processamento de dados”.

Essa definição se refere à informática como ramo do conhecimento ou disciplina. No entanto, a informática é, nos dias atuais, muito mais que uma disciplina a ser teorizada e estudada, é, sobretudo, uma prática quotidiana, uma vez que temos de lidar, no nosso dia-a-dia, com computadores e diversos tipos de dispositivos imprescindíveis para realização de algumas atividades e tarefas.

Essa prática é tão freqüente e corriqueira na sociedade moderna que muitos termos utilizados na área da informática já extrapolaram os limites da especialidade e já nem são percebidos pelos falantes comuns como unidades terminológicas.

Assim, a escolha dessa área para a realização de uma pesquisa lingüística é bastante importante, pois, além de constituir práxis, a informática constitui, por meio de sua terminologia, uma importante ferramenta de acesso aos fatos e fenômenos que envolvem a linguagem humana.

3.2 Lexicologia e Terminologia: Semelhanças, Limites e Diferenças

A evolução rápida da ciência, a universalização do saber, a influência de outras culturas fazem com que o léxico das línguas latinas adote novos termos para nomear realidades que nasceram fora de suas fronteiras. São terminologias completas que se instalam, por exemplo, na língua portuguesa, para acompanhar a transferência de tecnologia (CARVALHO, 1989, p. 57-58).

Essas terminologias geram, por parte da língua receptora, a necessidade de adaptar os novos vocábulos aos moldes de seu sistema lingüístico. Cabe aos estudos fonológicos, morfológicos, sintáticos e, principalmente, lexicológicos compreender e explicar os processos lingüísticos decorrentes do recebimento dessas novas palavras ou, segundo os terminólogos, dessas unidades terminológicas (UTs).

Cabré (2005) explica que, do ponto de vista formal, a divisão entre palavras e termos não é tão clara, o que traz como consequência a “unificação” entre palavras/lexemas (objeto da lexicologia) e termos (objeto da terminologia), colocando assim em questão a rígida separação comumente feita entre lexicologia e terminologia.

Uma das formas de se estudar às unidades terminológicas, segundo Cabré (2005, p. 12), é por meio da lingüística. Assim, as unidades terminológicas devem ser estudadas por meio de uma teoria de linguagem que abarque tanto aspectos semânticos, quanto pragmáticos.

Dessa maneira, o estudo das unidades terminológicas, segundo a autora, deve levar em conta, entre outros, os seguintes aspectos:

- as unidades terminológicas compartilham com outras unidades lingüísticas (morfológicas, sintagmáticas e sintáticas) a expressão do conhecimento especializado;
- as unidades terminológicas em uma teoria da linguagem natural não são concebidas como unidades separadas das palavras do léxico do falante nativo,

mas sim como valores especializados das unidades lexicais contidas no léxico dos falantes;

- Toda unidade léxica seria, pois, potencialmente uma unidade terminológica (...).

Os pontos acima descritos serão muito importantes para as nossas análises à medida que demonstram que as UTs, entidades constitutivas e caracterizadoras das linguagens de especialidade, podem ser analisadas da mesma forma que as palavras, entidades básicas de análise léxica na língua comum.

É notadamente complexa também a distinção entre linguagem comum e linguagem de especialidade. Gutiérrez (1998, p. 18) demonstra as dificuldades de definir as linguagens de especialidade e caracterizar suas relações com a língua comum. Ressalta, ademais, que tais problemas são tantos quanto o número de estudiosos que se ocuparam do tema (CABRÉ, 1993, p. 128-168; KOCOREC, 1991, p. 10-42 e ZORRAQUINO, 1987, p. 71-75, apud GUTIÉRREZ, 1998).

O autor ainda explica que, para alguns pesquisadores, a linguagem de especialidade não é senão a língua comum considerada como vetor de conhecimento especializado, ou a linguagem técnica e a linguagem comum constituem sistemas parciais de um inventário integral de recursos lingüísticos. Para outros, as linguagens de especialidade são sistemas semióticos complexos que, apesar de baseados nas línguas naturais e delas derivados, comportam-se de forma semi-autônoma.

Verificamos, nesta subseção, que a definição dos limites separadores entre terminologia e lexicologia é tão paradoxal e difícil quanto a delimitação dos limites separadores entre linguagens de especialidade e linguagem comum. Contudo, abordamos brevemente essa questão para justificar a tensão gerada por uma investigação lingüística baseada na análise de unidades terminológicas.

3.3 Os empréstimos Lingüísticos e a Expansão do Léxico

Observamos, brevemente na subseção anterior, os motivos que fazem com que o léxico seja o componente lingüístico mais suscetível a renovações e expansões.

Nesse sentido, a compreensão dos aspectos lingüísticos que envolvem a criação e o recebimento de novas palavras nas línguas é de suma importância para o entendimento dos mecanismos de ampliação lexical. Desse modo, é fundamental para os estudos lingüísticos a compreensão dos aspectos que envolvem a criação e o recebimento de novas palavras nas línguas ou neologismos.

Os neologismos servem basicamente para recuperar significados antigos ou para expressar novos significados. Assim, a criação neológica que tem por função a expressão de novos significados ocorre, segundo Gutiérrez (1998, p. 108-132), de três formas:

- a) a criação de uma palavra nova ou *neologia formal*;
- b) a atribuição de um sentido novo a uma palavra já existente na língua ou *neologia de sentido*;
- c) a mudança de categoria gramatical ou *neologia sintática*.

A neologia formal, entre os três tipos de neologia apresentados, é a mais relevante para o estudo das construções com verbos-suporte, uma vez que:

1. envolve a formação de novas palavras oriundas não somente da própria língua, mas também envolve o recebimento de novas palavras oriundas de outras línguas, por exemplo: do inglês, do latim, do grego (BIDERMAN, 2001 e CORREIA, 2004);
2. envolve a formação de sintagmas verbais complexos (CARVALHO, 1989 e GUTIÉRREZ, 1998);
3. algumas construções com verbos-suporte, que compõem o *corpus* de análise, e que são analisadas neste estudo, constituem sintagmas verbais complexos e apresentam núcleos nominais sob a forma de UTs de origem inglesa;
4. muitas construções com verbos-suporte que compõem o *corpus* de análise, e que são analisadas neste estudo, são sintagmas verbais complexos e apresentam núcleos nominais sob a forma de UTs de origem portuguesa.

De acordo com as considerações apresentadas nesta subseção, serão analisadas, exclusivamente, as construções com verbos-suporte cujos núcleos predicativos são constituídos de UTs da área da informática.

3.4 Os Fraseologismos como Unidades Lexicais

“Fraseologismos ou unidades fraseológicas são unidades lexicais compostas por mais de uma palavra, que podem desempenhar funções designadas de todas as categorias (N, V, A, Adv)” (ALVES, 2002).

Para Pastor (1999, p. 159, apud ALVES, 2002) os fraseologismos são unidades lexicais superiores às palavras. Cabré (2005) não considera as unidades fraseológicas como unidades léxicas. Para a autora, as unidades léxicas são somente as categorias discretas N, V, A, Adv que correspondem, na terminologia, às unidades terminológicas.

Os fraseologismos são, ainda, para a referida autora, unidades de conhecimento especializado (UCE), porque, ao lado das unidades morfológicas, terminológicas e oracionais, transmitem o conhecimento de um âmbito de especialidade, uma vez que “*contienen por lo menos un término, habitualmente verbales y específicamente usados en una materia*” (CABRÉ, 2005, p. 9)⁷.

Consideraremos as construções com verbos-suporte no presente estudo fraseologismos, pois são sintagmas verbais complexos, compostos por mais de uma palavra (*verbo-suporte + Nome*) e denotam função verbal (ALVEZ, 2000 & BORBA, 1996, 2003).

Além disso, adotaremos a visão de Pastor (1999), que considera os fraseologismos unidades lexicais. Assim sendo, observaremos, nas subseções 4.1, 4.1.1, 4.12 e 4.13, que alguns núcleos nominais, formadores das construções com verbos-suporte, são unidades terminológicas por empréstimos. Ao serem recebidas no português e, a fim de transmitirem o conhecimento especializado da área da informática, devem constituir, obrigatoriamente, em algumas situações, os núcleos predicativos dos fraseologismos ora estudados.

⁷ [...] contêm ao menos um termo, habitualmente verbal e especificamente usado em uma matéria [...].

3.5 Coleta e Seleção dos Dados

A recolha de dados foi feita com o objetivo de compor o *corpus* definitivo desta pesquisa. Dessa forma, utilizamos o programa *Simple Concordance*, versão 4.0.7, não somente para coletar, mas também para selecionar os dados que constituem as bases de nossas análises, pois uma coleta de dados automatizada fornece os meios adequados para a verificação sistemática e rápida de um *corpus* composto por uma grande quantidade de dados (CAFÉ, 1999).

Nesse sentido, a utilização do *Simple Concordance Program* (SCP) foi de grande valia para o desenvolvimento desta pesquisa, porque esse programa permite não somente listar palavras, mas também procurá-las individualmente a partir de extensos arquivos de texto.

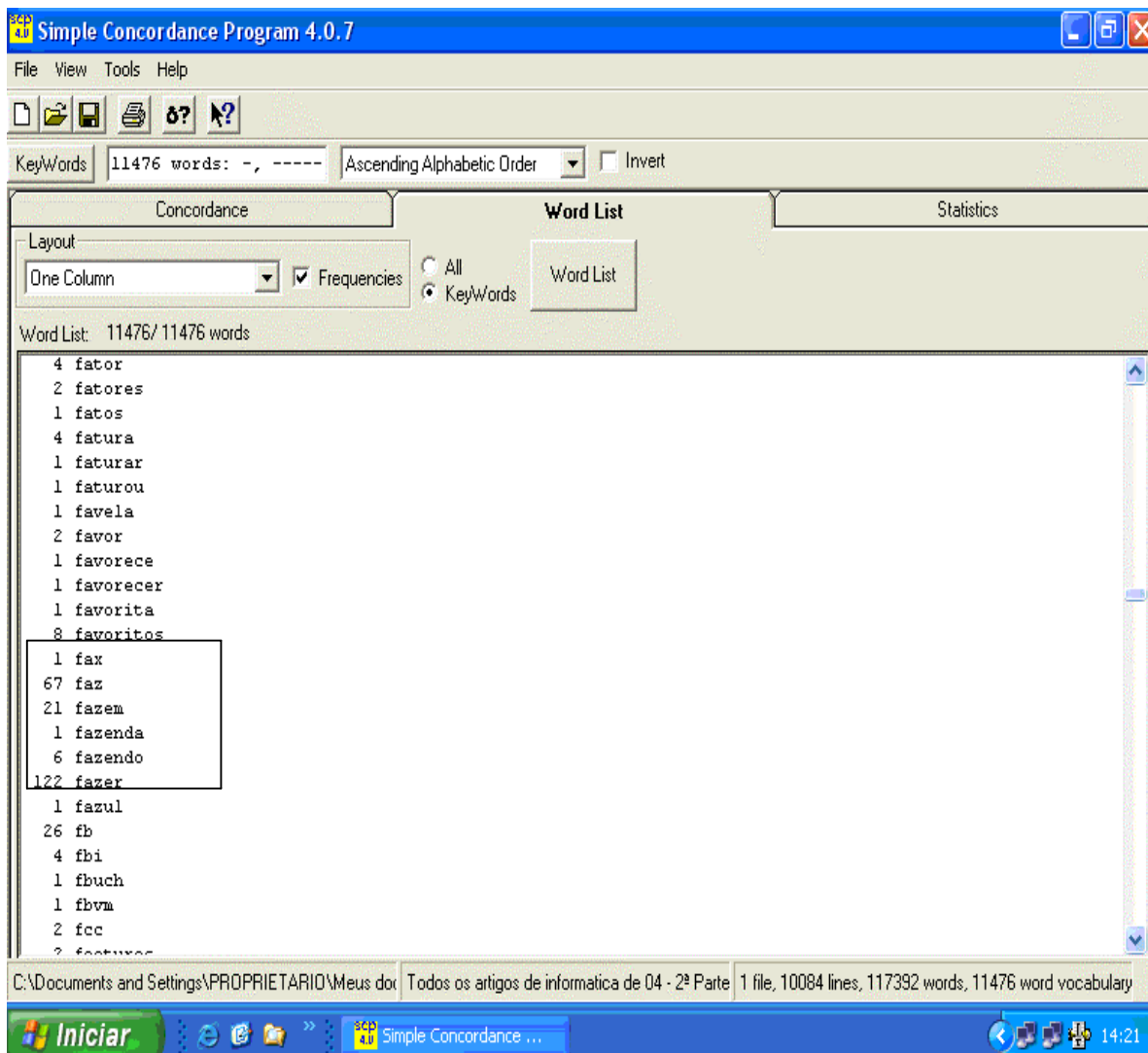
Os dados que contêm as construções com verbos-suporte da área da informática foram extraídos de fontes escritas, mais especificamente, dos textos do Caderno Informática da *Folha Online*, disponíveis na página do *Universo Online*. Os textos selecionados vão do ano de 2000 ao ano 2005.

Após coletados, os textos foram separados por ano de publicação. Dessa maneira, foi necessário que criássemos arquivos que recebessem a seguinte etiquetação: textos de informática 2005, 2004, 2003 e assim sucessivamente.

Para melhor organização dos arquivos de dados, foi necessário criar diferentes subarquivos de textos em vários documentos *Word Office*, com, no máximo, seiscentas páginas cada, etiquetados da seguinte maneira: primeira parte de 2005, segunda parte de 2005 etc.

O passo seguinte foi a conversão dos textos do formato *Word Office* para o formato *txt*. (texto), uma vez que o SCP somente processa informações nesse formato. Feito isso, geramos, por meio do programa, uma *lista de palavras* (*word list*) na qual todas as palavras processadas puderam ser observadas.

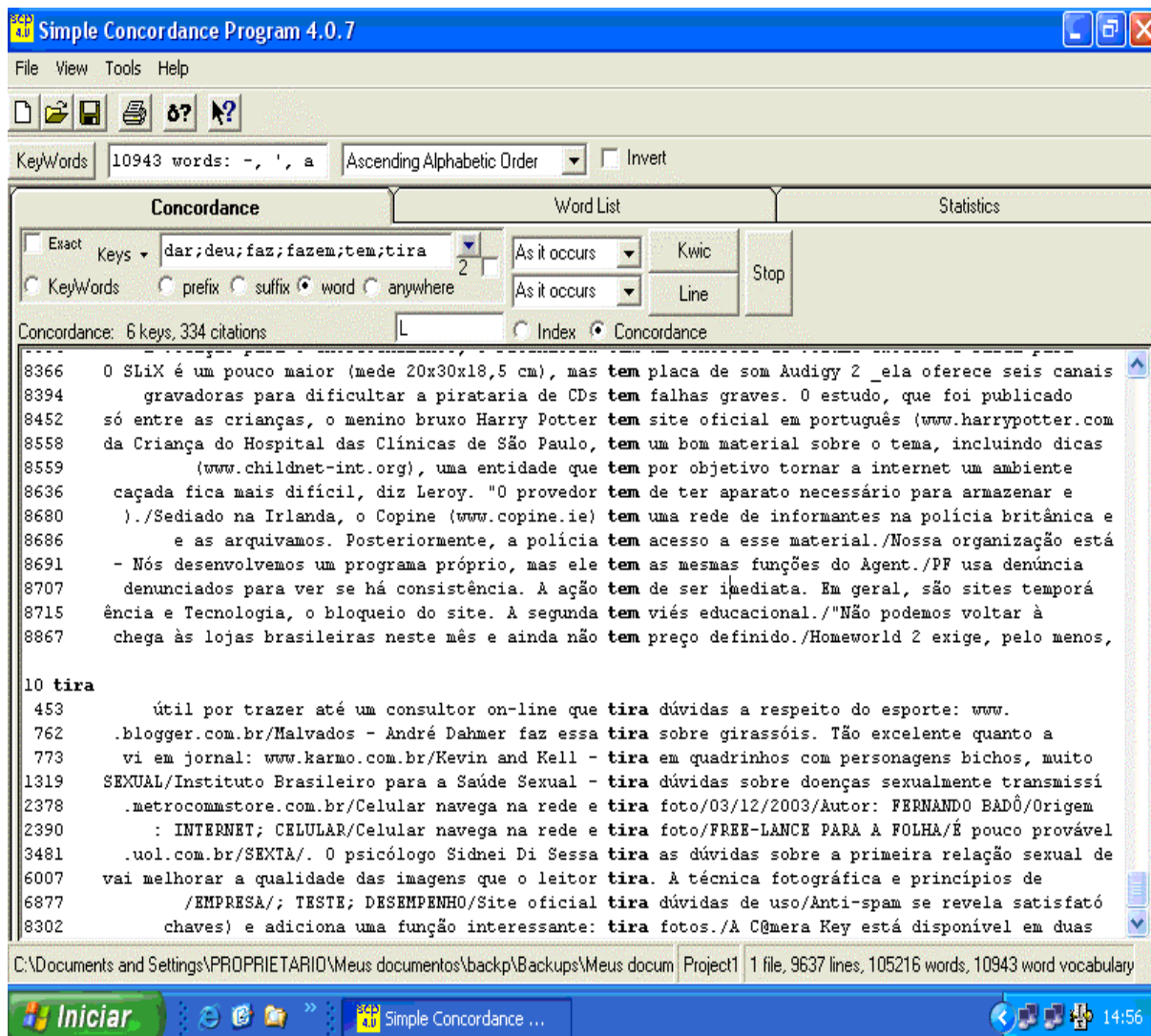
Figura 2 - Lista de palavras



Por meio dessa lista, atestamos todas as ocorrências flexionadas ou não dos verbos *dar*, *fazer*, *ter* e *tirar* e também de outros verbos e nomes utilizados em nossas análises (cf. *Figura 2*).

Assim, utilizamos o programa para listar a concordância entre palavras (*dar*; *deu*; *faz*; *fazem*; *tem*; *tira* etc.), entre contextos frasais e entre contextos enunciativos nos quais ocorriam todas as formas atestadas dos verbos pesquisados, que o próprio programa fornece, conforme observamos na *Figura 3*.

Figura 3- Concordância de Palavras



Como o concordanciador disponibiliza todos os contextos frasais e enunciativos nos quais figuram as palavras pesquisadas, foi necessário selecionar aqueles que constituem o objeto desta pesquisa e, também, os outros contextos necessários ao embasamento de nossas propostas e considerações. Dessa forma, selecionamos, principalmente, as estruturas linguísticas que apresentavam construções com verbos-suporte na área de informática.

É importante salientar, aqui, que, apesar de o programa utilizado proporcionar as ferramentas adequadas para o desenvolvimento de uma pesquisa de natureza quantitativa, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que nossas análises e conclusões não consistem na medição das variáveis concernentes à quantidade, à intensidade ou à frequência dos dados, mas sim em suas interpretações a partir de contextos reais de uso (DENZIN & LINCOLN, 2003).

3.6 Síntese

Apresentamos, no presente capítulo, os motivos que nos levaram a escolher a área de informática para a realização desta pesquisa. Além disso, apresentamos algumas discussões que demonstraram não haver uma rígida separação entre o objeto de estudo da Lexicologia, palavras ou lexemas, e o objeto de estudo da Terminologia, termos.

Em seguida, apresentamos uma breve discussão acerca da importância dos neologismos terminológicos na ampliação do léxico. Justificamos, com isso, por que o estudo dos neologismos constitui uma importante ferramenta para a compreensão dos mecanismos de ampliação lexical, quando do recebimento de novas palavras nas línguas.

Feito isso, explicitamos argumentos que demonstram serem as construções com verbos-suporte unidades fraseológicas. Explicitamos, ainda, algumas discussões que justificam considerar essas construções como unidades lexicais.

Por fim, apresentamos os procedimentos adotados para a recolha, seleção e organização dos dados que formam parte do *corpus* de análise.

4 Introdução à Análise

A análise de dados empreendida visa a compreender, primeiramente, por que algumas UTs da área da informática, ao serem recebidas na língua portuguesa, constituem verbos plenos, e por que outras UTs são bloqueadas a receber os morfemas flexionais dos verbos do português e, para denotarem função verbal, têm de constituir os núcleos predicativos das construções *Vsuporte + Nome*.

Para responder a essas questões devemos, antes, compreender os processos lingüísticos de formação de verbos plenos e construções com verbos-suporte da língua portuguesa. Por tratarmos da formação de palavras, faz-se necessário apresentar, neste capítulo, uma breve discussão sobre o papel e o lugar da morfologia na Teoria da Gramática Funcional. Dessa forma, explicitaremos os preceitos de Dik (1978,1997) concernentes à formação de palavras ou predicados nas línguas.

Nossa meta é, em segundo lugar, analisar dois tipos de construções com verbos-suporte da área da informática existentes no português do Brasil: (i) as que têm núcleos nominais constituídos por UTs de origem inglesa; (ii) as que têm núcleos nominais constituídos por UTs de origem portuguesa. Com base nessas análises, objetivamos compreender o modo pelo qual se formam as construções com verbos-suporte da área da informática no português.

O entendimento dos processos de formação de verbos plenos e construções com verbos-suporte da área da informática é bastante importante para as nossas análises, à medida que fornece importantes indícios dos mecanismos lingüísticos de ampliação do léxico, quando do recebimento e da adaptação de palavras trazidas por novas tecnologias (seção 4.1).

Uma vez respondidas as questões acerca da formação das construções com verbos-suporte, proporemos, na seção 4.2, uma formalização dos predicados *Vsup + N*. Veremos que a formalização proposta, além de captar os fenômenos e fatos expressos pelas construções estudadas, possibilitará aos mecanismos da Gramática Funcional produzi-las e derivá-las até o recebimento das funções pragmáticas de Tópico e Foco.

Por fim, apresentaremos, na seção 4.3, os fatores pragmáticos que determinam e regem a formação e a alta produtividade das construções com verbos-suporte da área da informática no português do Brasil.

4.1 Formação de Palavras e Predicados: Regras Morfossintáticas

Na Teoria da Gramática Funcional, como em muitas outras teorias da linguagem humana, há constantes debates acerca do lugar e do papel da morfologia (Katamba, 1994 e Stephen, 1982). Dik (1997) ressalta que, na GF, não se considera a morfologia um componente à parte dos outros componentes lingüísticos. Consideram-na parte de todo o mecanismo gramatical de formação e produção de expressões lingüísticas (cf. *Figura 1*).

Dessa maneira, as regras morfológicas, a exemplo das regras fonológicas, sintáticas e semânticas, encontram-se no *Fundo Lexical*, que é, como ressaltamos no capítulo II, o componente da TGF que contém todos os predicados e termos, utilizados na formação subjacentes das cláusulas ou frases e, conseqüentemente, na formação das expressões lingüísticas finais (DIK, 1997, p. 2).

Dik (1997) afirma, ainda, que as regras de expressão, que servem para a expressão sintética de alguns traços por meio de uma única palavra, podem servir também para a expressão analíticas desses mesmos traços por meio da combinação de palavras:

*In case of analytic expression it must be demonstrated, of course, that the words in question together behave as one complex predicates rather than as two independent predicates (DIK, 1997b, p. 1)*⁸.

Podemos observar, com isso, que, na TGF, as regras de formação de expressões lingüísticas, que regem a formação de predicados ou palavras analíticas na sintaxe, são as mesmas que operam, na morfologia, para a formação de predicados ou palavras não analíticas.

Assim sendo, a descrição das expressões lingüísticas, na GF, começa com as predicções. Todos os itens lexicais de uma língua são analisados como predicados, que se dividem em básicos e derivados. São básicos quando têm de ser aprendidos e (re)conhecidos

⁸ No caso das expressões analíticas, deve-se demonstrar, evidentemente, que duas palavras juntas se comportam mais como um único predicado complexo, que como dois predicados independentes.

pelos falantes, a fim de serem adequadamente utilizados nos contextos comunicativos (alguns tipos de composição e expressões idiomáticas). São derivados, se formados a partir do componente formador de predicados via regras sincrônicas, produtivas e regulares do componente formador de predicados (DIK, 1997, p. 59).

As regras de formação de palavras, a exemplo das regras de formação de predicados, baseiam-se em palavras formadas no léxico cuja produtividade não é regular (predicados ou termos básicos) e em palavras formadas por regras sincrônicas, produtivas e regulares do componente formador de predicados (predicados ou termos derivados).

Nesse sentido, a TGF faz a seguinte divisão dos tipos de palavras e de suas regras morfossintáticas de formação:

1. Palavras morfologicamente complexas não produtivas, encontradas no léxico. Seus significados e formas *não são dedutíveis* por meio de regras regulares de formação de palavras. Essas palavras são consideradas *palavras derivadas*;
2. Palavras morfologicamente complexas e produtivas, formadas no componente de predicados derivados. A forma abstrata desses predicados derivados é criada pelo componente de formação de predicados. As regras que formam essas palavras são designadas *regras derivacionais*;
3. Palavras morfologicamente complexas e produtivas que podem ser formadas a partir da expressão de vários operadores, aplicados aos predicados básicos ou aos derivados. As regras que formam essas palavras são designadas *regras flexionais de expressão*.

Dik (1997) considera um exemplo de palavra complexa não produtiva *blackbird* ‘pássaro-preto’. Na estrutura interna dessa palavra, explica, podem-se distinguir dois vocábulos (*black* ‘preto’ e *bird* ‘pássaro’), porém, não há como explicar, por meio de regras sincrônicas e produtivas, sua formação e significado. A formação desse vocábulo é, segundo o autor, uma questão de *regularidade lexical* e não de produtividade morfológica.

Na obra de 1978, Dik, apesar de não tratar diretamente da formação de palavras (morfologia), apresenta sugestões para a formação de predicados analíticos. Propõe que a formação dos três tipos de predicados analíticos abaixo listados seja mediada por regras do componente formador de predicados:

- Predicados modificadores : *extremamente* interessantes;
- Predicados causativos: Fazer ir; deixar ir;
- Predicados derivados de termos: ser professor (Verbo suporte copulativo + Nome = *Vsup copulativo*);

Na versão de 1997, Dik mantém a mesma posição e ressalta que o componente formador de predicados pode gerar regras formadoras de predicados analíticos, quais sejam: predicados modificadores, predicados causativos e predicados derivados de termos.

Nesse sentido, o autor analisa as construções com verbos-suporte copulativos, considerando-as predicados derivados de termos, formados por regras do componente formador de predicados. São predicados, porque apresentam um verbo (ser, estar etc) com conteúdo gramatical, mas com pouco conteúdo semântico; e são derivados de termos, pois os nomes ou os adjetivos, ou seja, os termos constituem os núcleos do predicado.

De forma análoga, vamos analisar o processo de formação das construções com verbos-suporte da área da informática como predicados derivados de termos, pois essas construções, a exemplo das construções com *Vsup copulativo*, formam predicados cujos núcleos predicativos são os nomes (N_s) e não os verbos-suporte.

A fim de termos um melhor entendimento acerca dos processos lingüísticos envolvidos na formação dos predicados complexos estudados, responderemos, nas próximas subseções, as seguintes indagações:

1. Por que algumas UTs na área de informática recebidas por empréstimo no Português do Brasil constituem verbos plenos com flexão de tempo, modo, número e pessoa, e outras, para denotarem função verbal, necessitam do auxílio de um verbo-suporte? Que processos lingüísticos estão em jogo na formação desses predicados?

2. Quais diferenças e semelhanças estão envolvidas nos processos de formação das construções com verbos-suporte na área de informática que apresentam núcleos nominais por empréstimo e as que apresentam núcleos nominais de origem portuguesa?

4.1.1 A Formação de Verbos Plenos

Dik (1997, p. 345) observa que as palavras flexionais se apresentam em dois níveis de realização: o da estrutura abstrata (*abstract structure*) e o da forma aparente (*surface form*).

Dessa forma, explica o autor, aplicam-se à estrutura abstrata regras flexionais de expressão por meio de operadores, que, no caso dos verbos do português, atuam de forma a produzir os morfemas número-pessoal e modo-temporal. Esses operadores são, segundo Dik (1997), responsáveis por determinar a forma aparente das palavras flexionais nas línguas.

Assim, observamos abaixo a regra geral de formação de palavras flexionais nas línguas proposta por Dik (1997):

Regra Flexional

$$(1) \quad \text{Op [A]} = \text{B}$$

Onde B é a forma de A sob a operação de operadores Op.

Estrutura abstrata

Forma aparente

(2)	Pres. ind 3 ^a sing [cant-]	canta
	Op A	B

Por meio da regra flexional anteriormente apresentada e dos dados empíricos de (3) a (10) abaixo observados, poderemos demonstrar como se formam os verbos terminológicos da área da informática do português do Brasil. Antes, porém, é necessário ressaltar que as regras abstratas flexionais, utilizadas nesta subseção, para formar os verbos plenos, estão subordinadas a fatores pragmáticos.

Dessa forma, obedeceremos às formas infinitivas ou flexionadas dos verbos (tempo, modo, número e pessoa), observados em cada um dos dados empíricos abaixo transcritos e, em seguida, ilustraremos, nos dados de (11) a (18), a operação dessas regras abstratas.

- (3) A empresa adota uma técnica diferente, em vez de **miniaturizar** o interior do chip [...].
- (4) Os usuários podem produzir e **remixar** faixas no PC sem gastar nada.
- (5) As outras funções servem para **deletar** arquivos e fazer reajustes.
- (6) [...] demorou oitenta e cinco segundos para **escanear** uma imagem monocromática do tamanho A4.
- (7) Se houver algum tema que lhe interesse mais, **configure** o programa para que os avisos sobre ele sejam identificados.
- (8) [...] ouvir rádio FM e o *InterVideo WinDVR*, que permitem **pausar** transmissões ao vivo [...].
- (9) O *PCTV USB2* é um sintonizador de TV externo que se **conecta** à porta *USB 2.0* do computador [...].
- (10) [...] instalar o extensor *Midi*, que serve para **plugar** instrumentos musicais e *joysticks* [...].

Regras Flexionais de Formação de Verbos Plenos da Língua Portuguesa

	<i>Estrutura abstrata</i>		<i>Estrutura Superficial</i>
	Op.	A	B
(11)	Infinitivo 1 ^a conjug.	[miniaturiz-]	miniaturizar
(12)	Infinitivo 1 ^a conjug.	[prefixo [mix-]]	remixar
(13)	Infinitivo 1 ^a conjug.	[delet-]	deletar
(14)	Infinitivo 1 ^a conjug.	[[+ [e]- [scan-]] -ear]	escanear ⁹

⁹ Bechara (2000, p. 247) afirma que os verbos do português, que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em consoantes ou pelas vogais átonas -a, -e, -o precedidas de consoantes, devem ter o

- | | | |
|------|-----------------------------------|-----------|
| (15) | Imperativo. 3º sing. [configur-] | configure |
| (16) | Infinitivo 1ª conjug. [paus-] | pausar |
| (17) | Present. Indic 3º sing. [conect-] | conecta |
| (18) | Infinitivo 1ª conjug. [plug-] | plugar |

Na Teoria da Gramática Funcional volume II, Dik (1997), apresenta o *Princípio da Prioridade Lexical*, que determina que alguns itens lexicais, presentes no *Fundo Lexical*, podem ou não estar contidos no componente léxico (cf. *Figura 1*). Se o item lexical estiver estocado no componente léxico, ele é um termo ou predicado básico e, portanto, não se aplicam a eles as regras do tipo flexional ilustradas nos dados anteriores, uma vez que essas regras abstratas somente atuam em palavras ou em predicados e termos derivados.

Dessa forma, o autor postula duas possibilidades para a formação de palavras flexionais nas línguas: ou se formam no componente formador de predicados básicos ou no componente formador de predicados derivados.

As palavras formadas no componente de predicados ou termos básicos estão estocadas no componente léxico e, como explicitado, não têm sua formação mediada por regras produtivas, regulares e sincrônicas; por exemplo, a formação do nome agentivo *author* ‘autor’ não pode ser explicada por meio de regras morfossintáticas produtivas e regulares, pois não há, no inglês, a raiz *auth* ‘aut’ que, pelo acréscimo do morfema –or ‘-or’, forma tal vocábulo. Essa palavra é, portanto, produto de regularidades lexicais e não produtividade morfossintática.

Os verbos plenos do português são formados mediante a aplicação de regras morfossintáticas regulares, produtivas e sincrônicas e, por isso, sua formação é produto de regras operantes no componente formador de predicados. São, portanto, predicados derivados.

Não é nosso objetivo aqui o aprofundamento dessas questões. Fizemos, porém, algumas considerações acerca desse tema, pois, como veremos a seguir, o entendimento dos

infinitivo em –ear (mar = marear; casa = casear; pente = pentear; escaner = escanear). Observe, ainda, que o vocábulo de origem inglesa que formou o verbo português *escanear* é *scan*. Para demonstrarmos o processo de formação do nível abstrato para a forma aparente nesse vocábulo tivemos de acrescentar um vocóide [e], pois o padrão silábico da língua portuguesa não admite uma sílaba constituída apenas por uma consoante.

aspectos da formação dos verbos plenos é de suma importância para a compreensão dos aspectos que envolvem a formação das construções com verbos-suporte.

4.1.2 Construções V^{sup} + N com Núcleos Predicativos por Empréstimo

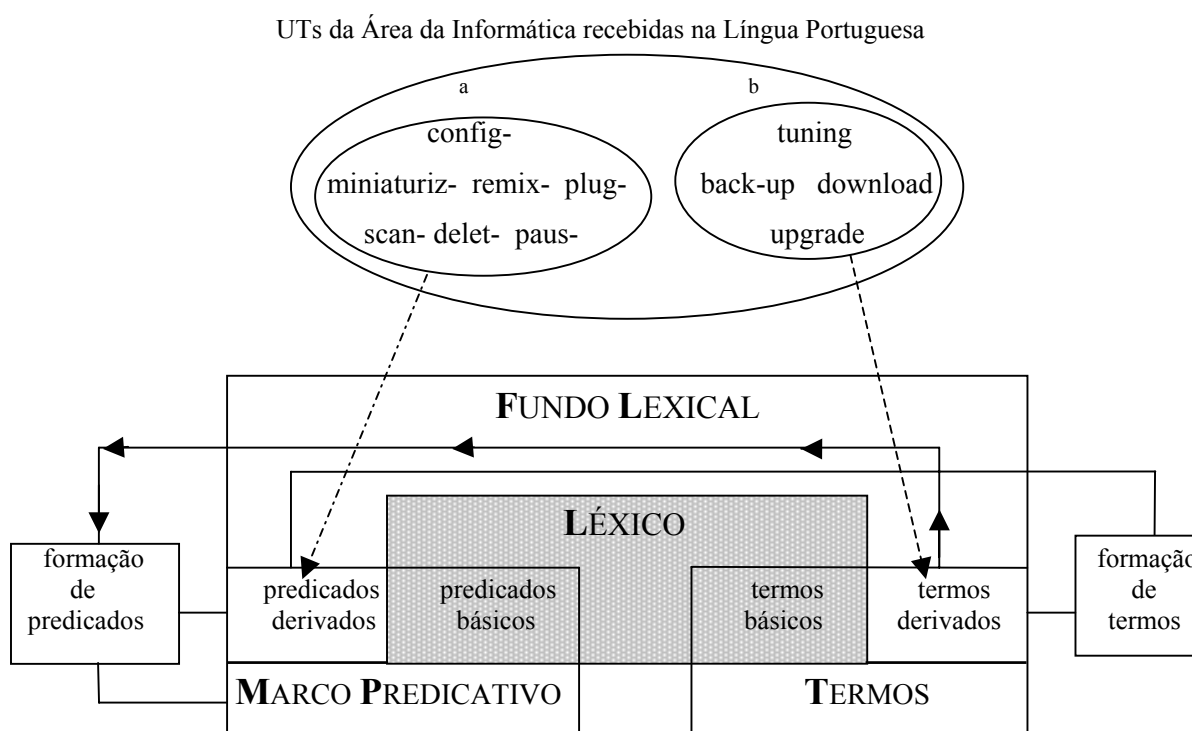
Sob a perspectiva da formação de palavras morfologicamente complexas, formadas por regras regulares, sincrônicas e produtivas (predicados derivados), ilustraremos os dados abaixo, sabendo que as construções com verbos-suporte analisadas apresentam núcleos nominais predicativos por empréstimo.

Esses empréstimos de origem inglesa são UTs da área de informática e, para denotarem função verbal no português do Brasil, devem constituir construções com verbos-suporte, uma vez que são bloqueadas a receber os morfemas flexionais de tempo, modo, número e pessoa característicos dos verbos da língua portuguesa, conforme se observa nos dados abaixo:

- (19) Os preços dos gravadores de CD e DVD e a multiplicação de periféricos que ajudam a **fazer backups** [...].[*backupar]
- (20) Para **fazer o download**, acesse o site e clique na figura com a inscrição *download*. [*downloadar]
- (21) O Windows XP está funcionando normalmente, a atualização não deverá apresentar maiores problemas. Já **fiz o upgrade** em quatro máquinas com diferentes configurações e, em nenhuma delas tive problemas. [*upgradeei]
- (22) [...] Correr pelas ruas movimentadas de *BayView*, acumulando dinheiro e **fazendo um "tuning"** no seu carro. [*tuningando]

De modo a apresentar nossas propostas, ilustraremos, a seguir, parte do modelo geral de formação de termos e predicados da TGF (*Figura 4*) e, por meio desse modelo, demonstraremos como se formam as construções estudadas e também os verbos plenos da língua portuguesa.

Ressaltamos, ainda, que os processos lingüísticos a serem infrailustrados ocorrem em nível abstrato e são ativados por fatores pragmáticos relacionados a necessidades comunicativas por parte dos falantes do português, que, por meio de processos lingüístico-cognitivos, adaptam as novas palavras aos padrões lingüísticos dessa língua, a fim de expressarem corretamente os novos conceitos em contextos de interação verbal na área de informática.



A figura acima ilustra o momento de recebimento do conjunto de UTs da área da informática na língua portuguesa. Esse conjunto, como podemos observar, é composto de dois subconjuntos (a) e (b). O subconjunto (a) contém as UTs da área da informática oriundas da língua inglesa que, ao serem recebidas na língua portuguesa, constituem verbos plenos via regras flexionais; o subconjunto (b) contém as UTs da área da informática oriundas do inglês, que são bloqueadas a constituir verbos plenos na língua portuguesa e, para denotarem função verbal, constituem uma construção com verbo-suporte.

Uma das propostas de Dik (1997) para a formação de palavras flexionais, representadas pelo subconjunto (a), é a seguinte: tais palavras são predicados derivados e, por isso são formadas por regras regulares, sincrônicas e produtivas (regras flexionais) de

formação de predicados. Essa proposta foi utilizada na presente pesquisa para formação dos verbos plenos nos dados de (3) a (18).

As UTs do subconjunto (b), como explicamos, não podem constituir predicados derivados, pois são bloqueadas, no português, a formar predicados verbais plenos. Essas unidades terminológicas entram, então, na língua portuguesa como termos derivados (nomes). Nossa proposta é que esses termos derivados “ativam o componente formador de predicados”, que produz as regras abstratas formadoras de predicados analíticos, sob a forma de construções com verbos-suporte (DIK, 1978, 1997).

Dessa maneira, explicitamos, novamente, as propostas de Dik (1978, 1997) acerca da formação de predicados analíticos, que devem, segundo o autor, ser mediadas por regras regulares, sincrônicas e produtivas do componente formador de predicados:

- Predicados modificadores : *extremamente* interessantes.
- Predicados causativos: Fazer ir; deixar ir.
- Predicados derivados de termos: ser um professor (*Vcopulativo + N*); fazer download/ upgarde/ tuning (*Vsup + N*).

Observamos, com isso, que as propostas de Dik (1978, 1997) concernentes à formação das construções com verbos-suporte copulativos corroboram nossas propostas de formação das construções com verbos-suporte na área de informática, uma vez que observamos, ao longo das discussões apresentadas, que as construções *Vsup + N* possuem características lingüísticas muito semelhantes às construções com *Vsup copulativos*. Sendo assim, os predicados analíticos do tipo *Vsup + N* podem também ser considerados predicados derivados de termos.

Apresentaremos, na próxima subseção, algumas considerações que demonstram haver outros fatores que determinam a formação de verbos plenos e construções com verbos-suporte com núcleos nominais por empréstimo no português do Brasil.

4.1.3 A Cognição como Fator de Formação de Palavras

Observamos, anteriormente, que regras morfossintáticas abstratas estão envolvidas na formação de verbos plenos e construções com verbos-suporte no português do Brasil. Constataremos, ademais, que fatores de ordem cognitiva e diacrônica também estão em jogo nesse processo.

É necessário esclarecer que o conceito de cognição utilizado na presente pesquisa relaciona-se aos processos “cerebrais” envolvidos na “percepção, atenção, memória, aprendizagem, pensamento e criatividade humanos” (Estany,1999). Além disso, esse conceito está relacionado à herança histórico-cultural e, também, à interação social que fazem com que os seres humanos adquiram, não somente um sistema lingüístico, mas também os comportamentos e hábitos culturais. Sendo assim, observamos que os supracitados processos cerebrais dependem, prioritariamente, de fatores sócio-culturais, e não de fatores mentais apriorísticos e intrínsecos à espécie humana (genéticos) (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1999).

Assim, a formação das construções com verbos-suporte e verbos plenos na área de informática envolve processos cognitivos relacionados principalmente à percepção, uma vez que os diferentes tipos de UTs dessa área, quando recebidos na língua portuguesa, são percebidos, adaptados e formados de acordo com os princípios lingüísticos que regem essa língua.

La percepción no es un fenómeno pasivo, sino que es una respuesta activa que consiste en <<encender>>, activar, un conjunto de neuronas. Reconocer algo perceptualmente implica que determinada información procede de los estímulos externos [...] (Estany,1999).¹⁰

A percepção, como explicitado, relaciona-se ao reconhecimento de traços distintivos que permitem identificar, perceber e categorizar as informações ou estímulos externos recebidos.

¹⁰ A percepção não é um fenômeno passivo, mas sim é uma resposta ativa que consiste em <<entender>>, ativar, um conjunto de neurônios. Reconhecer algo perceptualmente implica que determinada informação procede de estímulos externos [...].

Dessa maneira, os falantes do português do Brasil percebem os traços distintivos nos grupos de palavras que compõem os diferentes tipos de UTs da área da informática recebidas na língua portuguesa (*Figura 4*). Ao perceber esses traços, formam-se, na língua portuguesa, ou verbos plenos (dados de (3) a (18)), ou construções com verbos-suporte (dados (19), (20), (21) e (22)).

Os traços diferenciais, percebidos pelo falante, nos distintos subconjuntos de UTs da área da informática, observados na *Figura 4*, referem-se à origem dessas palavras produzidas para conceptualizar, na língua inglesa, as novas tecnologias.

Por meio de pesquisas realizadas no dicionário etimológico da língua inglesa *The Oxford Dictionary of English Etymology* (1966), e nos dicionários de língua portuguesa Aurélio Eletrônico, Século XXI (1999) e Houaiss Eletrônico (2001), constatamos que as UTs observadas nos dados de (3) a (18) são de origem latina ou grega.

A língua inglesa utiliza-se da produtividade lexical, em grande parte herdada da língua latina, para formar parte das UTs das áreas de especialidade. Quando recebidas no português, há a percepção, por parte dos falantes, dos traços que compõem o material fonológico dessas palavras. Como o substrato da língua portuguesa é latino, e o latim recebeu muitas influências do grego, o falante do português reconhece os traços fonológicos de origem latina e grega nessas UTs, sendo possível então a formação dos verbos plenos da língua (GUTIÉRREZ, 1998, p. 13).

Em contrapartida, as UTs inglesas que não são de origem latina ou grega, mas tiveram suas raízes históricas de formação em línguas do tronco germânico, eslavo etc, são percebidas pelos falantes do português como alienígenas, pois os padrões fonológicos fogem às bases latinas e gregas. Sendo assim, são bloqueadas a constituir verbos plenos e, para denotarem função verbal, necessitam do auxílio de um verbo-suporte da língua portuguesa (cf. dados (19), (20), (21) e (22)).

4.1.4 Construções V^{sup} + N com Núcleos Nominais de Origem Portuguesa

Os fatores de ordem cognitiva e diacrônica, acima apresentados, servem para explicar a formação dos verbos plenos e das construções com verbos-suporte do português

do Brasil, constituídos por UTs de origem inglesa, mas que têm suas origens históricas nas línguas clássicas ou em línguas de outros troncos lingüísticos, como o germânico, o céltico, o eslavo etc.

Há, todavia, muitas construções com verbos-suporte da área da informática que apresentam UTs de origem portuguesa, com função de núcleo do predicado.

De modo a explicar o processo de formação dessas construções com verbos-suporte, apresentaremos, a seguir, as discussões de Borba (1996) concernentes à formação dos nomes abstratos. Ressaltamos, porém, que o estudo dos nomes abstratos não constitui o objeto deste trabalho. No entanto, o entendimento dos aspectos que envolvem a formação dessas categorias gramaticais é de suma importância para o entendimento da formação das construções *Vsup + N*.

4.1.4.1 A Formação de Nomes Abstratos (Na_s)

Borba (1996 p. 87-105) define *nomes abstratos* como “nomes que não tendo referente no mundo, constituem-se em atos, eventos, estados relacionados a coisas e seres ou estado de coisas (corrida, crença, lerdeza)”. O autor observa, ainda, que os nomes abstratos têm um comportamento lingüístico híbrido, à medida que apresentam traços que ora os aproximam dos nomes (substantivos), ora os aproximam dos verbos:

Se por um lado, há funções e comportamentos típicos da classe verbal ou da classe nominal, há, por outro lado, setores cujos limites – nome – verbo são imprecisos ou ainda estão por ser demarcado (BORBA, 1996).

Dessa forma, Borba, apresenta as propostas de Gross (1986) e Harris (1909), que relacionam a formação de nomes abstratos e de frases nominais a construções com verbos-suporte; de Chomsky (1957) e Lees (1968), que relacionam a formação de nomes abstratos a nominalizações deverbais e, por fim, apresenta também a proposta de Jackendorff (1975), que entende que os nomes abstratos não mantêm relação alguma com um verbo derivante:

1. Gross (1986) e Harris (1909) adotam uma análise do tipo Predicado – Argumento (P-A). Para todo nome abstrato na estrutura superficial, deve haver, subjacentemente, um predicado do tipo *Vsup + Na*. Como a matriz

subjacente estaria contida no léxico, para esses autores, não há preocupação em saber se os Na_s têm equivalente verbal pleno (gripe > gripar; gripar > gripe), uma vez que o predicado $V_{sup} + Na$ já denota função verbal.

2. Chomsky (1957) e Lees (1968) consideram os Na_s como deverbais, uma vez que a interpretação dessas nominalizações seria previsível a partir dos traços lexicais de um verbo correspondente.
3. Jackendorff (1975) propõe uma análise lexicalista pela qual Na_s e verbos se relacionam, no léxico, somente por apresentarem mesmos radicais. Verbos e nomes teriam, nessa análise, entradas lexicais distintas formadas por regras independentes a partir do mesmo radical lexical. Nessa análise, ainda, os Na_s constituem, subjacentemente, sintagmas nominais complexos do tipo *Nome + preposição + Nome* (*fuga dos bandidos*).

As vantagens e as desvantagens de cada uma dessas propostas para as análises aqui empreendidas serão apresentadas a seguir, a fim de verificarmos qual delas, em conjunto com a TGF, oferece maior poder explicativo para o entendimento dos aspectos de formação das construções com verbos-suporte com núcleo nominal de origem portuguesa.

4.1.4.2 Análise Predicado-Argumento (P-A) dos Nomes Abstratos

Essa proposta, conforme explicamos, liga os Na_s na forma aparente a uma estrutura subjacente com verbos-suporte, pois “parte do princípio de que todo nome abstrato provém de um esquema profundo do tipo $V_{sup} + Na$ ” (Borba, 1996, p. 96).

Assim, Gross (apud BORBA, 1996, p. 93) reitera: “há nomes predicativos que devem ser tratados em ligação com verbos-suporte, uma vez que o princípio é que dado um nome predicativo a ele se associa um verbo-suporte”.

Borba explica que “é um fato que os nomes abstratos, muito frequentemente, se combinam a verbos-suporte”. O autor explica, ainda, que essa proposta de Gross (1987) se liga às orientações de Harris (1909), que concebia as nominalizações não em termos de relação entre palavras, verbo > nome, mas sim como processo subjacente de transformação

de uma frase em outra equivalente: frase > frase (Ele estuda eclipses > Ele faz um estudo de eclipses).

Conforme Harris (1909), Gross (1986) também propõe que as construções com verbos-suporte na estrutura subjacente derivam, por meios transformacionais, as frases nominais na forma aparente.

Assim sendo, não poderemos adotar, integralmente, em nossas análises, essas propostas de Gross, à medida que o marco teórico utilizado na presente pesquisa, a TGF, restringe a ação de regras transformacionais na formação de predicados subjacentes, conforme explicitamos no capítulo II, subseção 2.3.

No entanto, essa proposta de Gross (1986), adotada e defendida também por Borba (1996, p. 96-105), é útil para nossas análises e consideração, pois postula que “dado um nome predicativo, a ele se associa um verbo-suporte”.

Observaremos, ainda, nesta seção, que os nomes em posição de objeto direto dos verbos são tão importantes, que chegam a caracterizá-los como plenos, suporte ou constitutivos de expressões idiomáticas.

4.1.4.3 Nomes Abstratos como Nominalizações Deverbais

Em *Syntactic Structure*, Chomsky (apud BORBA, 1996, p. 87) explica, por meio de regras transformacionais, que os nomes abstratos funcionam, subjacentemente, como um predicado e, sob esse aspecto, há um paralelismo entre construções oracionais (verbais) e construções nominais (Nome + preposição + Nome): Ele colabora com o governo > Sua colaboração com o governo.

Borba (1996) observa, nessa proposta, que Chomsky não faz uma separação nítida entre nomes abstratos e verbos. Nesse sentido, Borba (1996) critica Chomsky, pois considera que esse autor somente leva em conta critérios sintáticos para embasar seus argumentos em favor de que os Na_s ou nomes verbais são nominalizações deverbais.

Apesar disso, Borba apresenta outras considerações chomskianas sobre a formação de nomes abstratos e acrescenta que, na *Teoria Padrão*, Chomsky começa a considerar também os aspectos semânticos na relação verbos > nomes verbais (N_vs).

- | | | |
|--------------------------------|---|--------------------------|
| (23) a. Comprar um apartamento | > | Compra de um apartamento |
| + Transformação | | + Transformação |
| + Ação | | + Ação |
| + Humano | | + Humano |

Na *Teoria Padrão Ampliada*, explica Borba (1996), Chomsky considera que as nominalizações não são mais resultado de operações transformacionais, aplicadas a um verbo correspondente. Nessa versão da teoria gerativa, parte-se do princípio de que verbos e N_vs são duas facetas de um mesmo item abstrato de base. Nome verbal e verbo teriam, assim, as mesmas propriedades, pois estariam relacionados por uma base lexical comum. A escolha categorial entre [+N] ou [+V] seria, então, de livre escolha por parte do falante.

Dessa forma, as transformações só diriam respeito a adaptações contextuais, como, acréscimo de preposição, permuta de constituintes e apagamentos.

- (24) a. Ele recusou o convite.
 b. Sua recusa do convite.

No dado (24b), há o acréscimo de uma preposição (contração de + o) antes não existente na frase verbal (24a).

Essa proposta, como podemos observar, ainda vincula a formação de nomes abstratos a verbos, apesar de que as categorias nominais (deverbais) e verbais, nessa proposta, não são consideradas categorias discretas. O que ocorre nessa análise é que, mediante operações transformacionais, há uma adaptação de um predicado verbal em um predicado nominal equivalente (cf. dados (24 a-b)).

Por basear-se em operações transformacionais, essa proposta não pode ser utilizada na presente pesquisa. Não obstante, as considerações apresentadas nesta subseção são bastante interessantes para as nossas análises, porque apontam para uma análise pré-lexicalista de formação de nomes abstratos.

4.1.4.4 A Formação de Nomes Abstratos : Uma Proposta Lexicalista

Jackendorff (apud BORBA,1996) ressalta que verbos e nomes abstratos apresentam entradas lexicais separadas, relacionadas por regras de redundância, assim chamadas porque as informações contidas numa entrada lexical são previsíveis pela existência de um item lexical a ela relacionado.

Assim, as regras morfológicas e semânticas que derivam Na_s e verbos devem ser consideradas separadamente, justamente porque esses elementos têm entradas distintas, relacionadas somente pela mesma raiz contida no léxico (Borba, 1996, p. 95-96).

Borba (1996) explica que essa proposta de Jakendorff é bastante produtiva, uma vez que “as propriedades distribucionais e relações sintático-semânticas comuns a nomes abstratos e verbos cognatos” podem ser explicitadas em verbetes lexicais, como o que se segue:

<table style="border: none;"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">Censurar</td> <td style="border-left: 1px solid black; padding-left: 10px;"> + V + SN₁ ___ SN₂ SN₁ censurar SN₂ </td> </tr> </table>	Censurar	+ V + SN ₁ ___ SN ₂ SN ₁ censurar SN ₂	<table style="border: none;"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">Censura</td> <td style="border-left: 1px solid black; padding-left: 10px;"> + N ___ de SN₂ por SN₁ resultado abstrato da ação de SN₁ censurar SN₂ </td> </tr> </table>	Censura	+ N ___ de SN ₂ por SN ₁ resultado abstrato da ação de SN ₁ censurar SN ₂
Censurar	+ V + SN ₁ ___ SN ₂ SN ₁ censurar SN ₂				
Censura	+ N ___ de SN ₂ por SN ₁ resultado abstrato da ação de SN ₁ censurar SN ₂				

Verbetes Lexical de Nomes Abstratos e Verbos Cognatos ilustrado em Borba (1996)

Das propostas apresentadas, esta é a que mais interessa para as nossas análises, porque, além de não fazer uso de operações transformacionais, oferece, em conjunto com os pressupostos teóricos da Gramática Funcional, um maior poder explicativo e, conseqüentemente, uma maior compreensão dos aspectos que envolvem a formação das construções com verbos-suporte analisadas na próxima subseção.

4.1.5 A Proposta Lexicalista e a Formação das Construções $V_{sup} + Na$

Utilizaremos, nesta subseção, o termo nome abstrato (Na) para designar os elementos nominais de origem portuguesa que constituem os núcleos predicativos nominais na posição de Objeto, das construções $V_{sup} + N$ na área de informática. É necessário

esclarecer que esse rótulo utilizado por Borba (1996) é neutro, no sentido de que, contrariamente ao termo nominalização, não supõe um processo de formação de nomes deverbais.

Na subseção 4.1.1, dados (1) e (2), ilustramos as regras de formação de palavras flexionais. Por meio de operadores aplicados ao radical lexical, foi possível demonstrar as regras abstratas que produzem, na forma aparente, os verbos plenos terminológicos na língua portuguesa.

Ilustraremos, novamente, nesta subseção, essas regras de formação de verbos plenos e verificaremos, em seguida, que elas podem também ser aplicadas para formar os nomes abstratos que, além de constituírem os núcleos predicativos das construções com verbos suporte, apresentam relações cognatas com os verbos plenos terminológico da área da informática, observados nos seguintes dados:

- (25) Sensor **converte** imagens em sinais elétricos.
- (26) O NOD32 **varre** os arquivos do disco em menos tempo.
- (27) O SVM, *Smart Volume Management*, **ajusta** automaticamente o volume das músicas ouvidas pelo usuário.
- (28) *Softs* ajudam a **calcular** as calorias de cada prato e refeição, fazem papel de verdadeiros *personal trainers*.
- (29) O acessório, que **transmite** dados sem fios, tem um controle remoto com tela de cristal líquido.

Aplicando a regra flexional, observada nos dados de (30) a (35) abaixo, podemos verificar como se processa a formação dos verbos plenos, observados nos dados acima:

Regra Flexional

(30) Op [A] = B

Onde B é a forma de A sob a operação de operadores Op.

	<i>Estrutura abstrata</i>	<i>Forma Aparente</i>
	Op A	B
(31)	Pres. ind 3 ^a sing [+ /-t/ [conver-]]	Converte
(32)	Pres. ind 3 ^a sing [varr-]	Varre
(33)	Pres. ind 3 ^a sing [ajust-]	Ajusta
(34)	Infinitivo 1 ^a conjug. [calcul-]	Calcular
(35)	Pres. ind 3 ^a sing [[+ /-t/ [transmi-]]]	Transmitir

Essas mesmas regras, como explicamos, podem formar os Na_s da língua portuguesa, uma vez que, segundo Jackendorff (*apud*, BORBA,1996), nomes abstratos não são deverbais, mas mantêm relações sintático-semânticas com um verbo, por possuírem o mesmo radical lexical.

Dessa maneira, aplicando as regras flexionais, demonstradas nos dados acima, podemos também formar os Na_s em posição de Objeto, das construções com verbos-suporte, nos dados que se seguem:

- (36) O software **faz** a **conversão** dos arquivos. É possível converter filmes de DVD para VCD. [converte]
- (37) Depois da instalação, o programa **faz** uma **varredura** para encontrar arquivos de mídia nos documentos *Office*. [varre]
- (38) O usuário é obrigado a **fazer** um **ajuste** manual. [ajustar]
- (39) [...] convém usar o teclado, principalmente se a idéia é escrever ou **fazer cálculos** e gráficos. [calcular]

- (40) [...] o *Squeezebox* **faz** a **transmissão** de músicas no formato MP3 sem exigir a ligação de fios.

Regra Flexional

- (41) Op [A] = B

Onde B é a forma de A sob a operação de operadores Op.

<i>Estrutura abstrata</i>	<i>Estrutura aparente</i>
Op	A
	B
(42) Sufixo de ação ou resultado de [-são ¹¹ [conver-]]	Conversão
(43) Sufixo de res. ou inst. da ação ¹² [[+vt -e [-(d)ura [varr-]]]	Varredura
(44) Vogal Temática (vt) [-e [ajust-]]	Ajuste
(45) [Plural -s [+v.t -o [calcul-]]]	Cálculos
(46) Sufixo de ação ou resultado de [-(s)são [transmi-]]	Transmissão

A proposta lexicalista é, como verificamos, mais produtiva e econômica, pois estabelece os mesmos princípios lingüísticos para a formação de verbos e nomes abstratos cognatos. Fato que confere também às nossas propostas maior economia explicativa, pois não temos de dar conta, por exemplo, de explicar os fatores lingüísticos que fazem com que um elemento verbal seja nominalizado (deverbal), a fim de ser verbalizado novamente sob a forma de uma construção com verbo-suporte (*Vsup + Na*), conforme prescreve a propostas tradicional, apresentada no capítulo I, subseção 1.3 do presente estudo.

Ademais, a proposta lexicalista, por não vincular, transformacionalmente, a formação de nomes abstratos a verbos, proposta de Chomsky (1957), e a formação de frases nominais a construções com verbos-suporte, proposta de Gross (1986) e Baron & Herslund (1998) (cf. subseção 1.3), proporciona um melhor entendimento das relações lingüísticas existentes entre verbos plenos e nomes abstratos e também permite enxergar, de modo mais claro, a importância desses nomes na formação das construções com verbos-suporte.

¹¹ cf. Cunha & Cintra (1985) para maiores esclarecimentos acerca dos significados expressos pelos sufixos formadores de substantivos.

¹² Sufixo de resultado ou instrumento da ação.

No quadro abaixo, demonstramos que não é necessário haver um verbo pleno na língua para que seja formada uma construção com verbo-suporte. Portanto, não é necessário haver um processo de nominalização deverbal, basta somente que um nome abstrato existente na língua esteja na posição de Objeto dos verbos *dar*, *fazer*, *ter* ou *tirar*, a fim de que se forme, no português, uma construção com verbo-suporte denotadora de função verbal.

Verbo	Nome Abstrato	Construção Vsup + Na _s
Converte	Conversão	Fazer a conversão
Ler	Leitura	Fazer leituras
Varrer	Varredura	Fazer uma varredura
Ajustar	Ajuste	Fazer um ajuste
_____	Download	Fazer download
_____	Back-up	Fazer back-up
_____	Tuning	Fazer um tuning
_____	Upgrade	Fazer o upgrade
Fotografar	Fotografias	Fazer fotografias
Calcular	Cálculos	Fazer cálculos
Acessar	_____	_____
_____	Acesso	Dar acesso, ter acesso

O quadro acima evidencia, ainda, que as UTs da área da informática *download*, *back-up*, *tuning* e *upgrade*, formadas no inglês, mas que não têm origens históricas no latim ou no grego, não podem constituir verbos plenos no português, pois, como demonstramos na subseções 4.1.2 e 4.1.3, há fatores de ordem cognitiva e diacrônica que determinam que essas unidades terminológicas, para denotarem função verbal na língua portuguesa, devem constituir os núcleos predicativos das construções como verbos-suporte.

Observamos, ademais, no quadro anterior, que o verbo *acessar* e o nome abstrato *acesso* não mantêm relações cognatas. Tal fato pode ser explicado se levarmos em conta duas questões: (i) o verbo *acessar* é formado, no português, a partir do verbo terminológico da língua inglesa *to access* cujo étimo remonta o supino latino *acessum*, do verbo *accédo*, *is*, *éssi*, *éssum*, *dère*. Já o nome abstrato *acesso* é formado, no português, diretamente do nome latino *accessus*, *us* relacionado ao verbo também latino *accedère* 'aceder'; (ii) no português

atual, é possível perceber as diferenças de sentido entre o uso especializado do verbo *acessar* e o uso especializado do nome abstrato *acesso*.

- (47) a. A mensagem sugere que eu **acesse** um *site* e baixe um programa de *firewall* para evitar essa invasão.
- b. Os celulares **acessam** a internet, enviam e recebem textos e fotos, fotografam e servem para jogar.

Nos dados acima, os Sujeitos de *acessar*, *eu* e *celulares*, devem ser configurados, respectivamente, com as funções semânticas *agente* e *força*. Essas entidades com função sintática de Sujeito podem verificar ou checar, diretamente, sem a mediação de uma outra entidade ou procedimento preliminar, os conteúdos dos Objetos do verbo *acessar*, *um site* (47a) e *a internet* (47b), que devem receber a função semântica *meta*.

Já nos dados (48a-b), os procedimentos preliminares de *registrar-se* e *cadastrar-se* devem ser realizados a fim de que, uma entidade (Sujeito), possivelmente [+humana], possa verificar ou checar os conteúdos dos complementos nominais *acesso: Briefcase* (48a) e *conteúdo do site* (48b):

- (48) a. Basta registrar-se, ganhar uma conta de e-mail e senha para poder **ter acesso** ao *Briefcase*, que dá 30 Mbytes.
- b. [...] exige cadastro para **ter acesso** ao conteúdo do site [...].

Nos dados (49a-b), o Sujeito *site* e o elíptico *nós*, ambos com função semântica *fonte*, medeiam o acesso aos complementos nominais *download* (49a) e *computadores e internet* (49b).

- (49) a. Segundo a *Mpaa*, associação dos estúdios de Hollywood, o site tinha mais de 100 mil usuários e **dava acesso** ao *download* de milhares de filmes pirateados.

- b. Quando **damos acesso** a computadores e à internet, já estamos abrindo uma porta para a inclusão das classes.

As diferenças de sentido percebidas entre o dado (47a-b), (48a-b) e (49a-b) resultam das naturezas semânticas distintas expressas pelos vocábulos não cognatos *acessar* e *acesso*.

O verbo *acessar* permite que seus argumentos Sujeitos chequem diretamente os conteúdos ou informações de seus complementos verbais (47a-b). Contrariamente, o *Na acesso*, núcleo das construções com os verbos-suporte *ter* e *dar*, exige que uma entidade [+ – humana], caracterizada como Sujeito, controle ou permita o acesso ao conteúdo dos complementos nominais (48a–b) e (49a-b).

Quando o nome abstrato *acesso* figura como núcleo de uma construção com verbo-suporte, leva a esse predicado seus traços semânticos. Assim, em (50a), o procedimento de *reiniciar o PC*, *Personal Computer* ‘computador pessoal’, permite que o complemento nominal do nome *acesso* (*desse programa*) cheque o conteúdo de algum arquivo ou documento implícito no predicado. Já, em (50b), são os procedimentos preliminares de *instalar um firewall* ou de *ativar um recurso do sistema operacional windows XP* que licenciam o acesso dos *programas externos* (*força*) ao conteúdo do complemento nominal *micro* (*meta*).

- (50) a. Caso algum programa vital pare de funcionar, basta reiniciar o PC e permitir o **acesso** desse programa na próxima vez em que a pergunta surgir.
- b. Instale um programa de *firewall* ou ative o recurso do Windows XP que controla o **acesso** de programas externos ao micro.

O fato de o verbo *acessar* nos dados (47a-b) e do nome abstrato *acesso* nos dados (50a-b) não serem cognatos fica ainda mais evidente, quando comparamos seus verbetes lexicais e verificamos as diferenças sintático-semânticas entre essas duas categorias.

Acessar <table style="display: inline-table; vertical-align: middle; border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 10px;"> <tr> <td style="padding: 0 5px;">+ V</td> </tr> <tr> <td style="padding: 0 5px;">SN₁__SN₂</td> </tr> <tr> <td style="padding: 0 5px;">SN₁ acessar SN₂</td> </tr> </table>	+ V	SN ₁ __SN ₂	SN ₁ acessar SN ₂	Acesso <table style="display: inline-table; vertical-align: middle; border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 10px;"> <tr> <td style="padding: 0 5px;">+N</td> </tr> <tr> <td style="padding: 0 5px;">Procedimento preliminar que permite ou controla o ___ de SN₁ (a SN₂).</td> </tr> </table>	+N	Procedimento preliminar que permite ou controla o ___ de SN ₁ (a SN ₂).
+ V						
SN ₁ __SN ₂						
SN ₁ acessar SN ₂						
+N						
Procedimento preliminar que permite ou controla o ___ de SN ₁ (a SN ₂).						

Verbetes Lexical de Verbo e Nome Abstrato não Cognatos

No verbete lexical acima ilustrado, observamos que o SN₂ do nome abstrato *acesso* figura entre parêntese, pois, conforme verificamos no dado (50a), a presença desse elemento em frases, nas quais tal nome é o núcleo de predicado, nem sempre é obrigatória.

Para finalizar essa subseção, é necessário apresentar um fato lingüístico a mais que corrobora a afirmação de que os nomes na posição de Objeto são determinantes para caracterização e formação das construções *Vsup+ Na* e, também, para a caracterização dos predicados verbais plenos e expressões idiomáticas.

Nos dados abaixo, observamos que os nomes em posição de Objeto do verbo *tirar* são responsáveis pela caracterização desse verbo ora como verbo-suporte (51a), ora verbo pleno (51b), ora como um verbo constitutivo de expressão idiomática (51c).

- (51) a. As máquinas fotográficas digitais permitem que você veja, logo depois de **tirar** uma **foto**, se a imagem ficou boa.
- b. [...] ou seja, o usuário não precisa **tirar o papel** da bandeja e virá-lo para obter o resultado desejado.
- c. O fotógrafo começa a desvendar os significados dos ícones, com o uso do manual, e aprende a **tirar proveito** do que a máquina oferece.

Apesar de não ser o foco da presente pesquisa, tratamos, nesta subseção, dos processos que envolvem a formação de nomes abstratos, pois, como observamos, esses nomes desempenham, juntamente com os nomes abstratos por empréstimo, um papel central na formação e caracterização das construções com verbos-suporte na língua portuguesa.

4.1.6 Conclusões Preliminares

Verificamos, nesta seção, que há dois tipos de construções com verbos- suporte: (i) as que têm núcleos nominais sob a forma de UTs da área da informática oriundas da língua inglesa; (ii) as que têm núcleos nominais sob a forma de UTs oriundas da língua portuguesa.

A explicação dos processos morfossintáticos de formação das construções com verbos-suporte do tipo (i) provém da Teoria da Gramática Funcional. Além disso, observamos que fatores cognitivos e diacrônicos influenciam na formação dessas construções, pois, a depender das origens históricas das UTs por empréstimo, há restrições lingüísticas para que constituam verbos plenos no português e, conseqüentemente, para denotarem função verbal, há a necessidade de que constituam uma construção *Vsup + N*.

Demonstramos, também, nesta seção, que as construções com verbos-suporte do tipo (ii) são formadas por nomes abstratos. Adotamos a proposta lexicalista de Jackendorff (apud BORBA, 1996) para demonstrar como são formados esses nomes. Tal proposta permitiu que analisássemos os *Na_s* em posição de Objeto dos verbos-suporte independentemente de um processo de nominalização deverbal. Foi possível observar, com isso, que verbos plenos e *Na_s* cognatos são formado por regras morfossintáticas semelhantes.

Sendo assim, observamos que, para se formar as construções com verbos-suporte na língua portuguesa, é necessário tão-somente que um nome abstrato figure em posição de objeto direto dos verbos *dar, fazer, ter e tirar*.

Por meio das respostas obtidas nesta seção, é possível concluir que as construções com verbos-suporte (i) e (ii) apresentam o mesmo tipo de formação, haja vista que ambas são predicados derivados de termos, a exemplo das construções com *Vsup copulativo*, e, como demonstraremos na próxima seção, ambas são formadas por regras regulares, sincrônicas e produtivas mediadas pelo componente de formação de predicados.

Assim, após chegarmos a essas importantes conclusões sobre a formação das construções com verbos-suporte na língua portuguesa, apresentaremos, na próxima seção, a nossa proposta de formalização das construções com verbos-suporte estudadas.

4.2 A Formação de Predicados Subjacentes na GF : A Regra do Vsup Copulativo

Antes de apresentarmos a formalização, que permitirá demonstrar como se formam os predicados complexos do tipo *Vsup* + *N* no português do Brasil, é necessário retomar algumas noções preliminares que envolvem a formação de predicados subjacentes na TGF.

Após serem formadas pelas regras abstratas operantes no *Fundo Lexical*, as predicacões subjacentes recebem os termos que preenchem suas casas argumentais, formando, com isso, os predicados subjacentes.

É o marco predicativo que estabelece, por meio de regras abstratas, a formação dos predicados subjacentes. Dessa maneira, Dik (1997) explica o processo de formação dos predicados subjacentes, ressaltando que:

A descrição de uma expressão lingüística começa com a construção da predicacão subjacente que é, então, projetada na forma de expressão por meio de regras que determinam a forma, a ordem e a prosódia dos constituintes da predicacão subjacente (Dik, apud NEVES, 2004).

De modo a ilustrar a estrutura predicativa abstrata, produzida no marco predicativo e, também, de modo a ilustrar como foi desenvolvida nossa proposta de formalização das construções com verbos-suporte, demonstraremos, a seguir, as propostas de Dik (1997) concernentes à formação subjacente de predicados verbais e nominais.

$$(52) \quad (f_i: \text{give}) [V] (x_1: \langle \text{animate} \rangle)_{\text{Ag}} (x_2)_{\text{Go}} (x_3: \langle \text{animate} \rangle)_{\text{Rec}}$$

$$(f_i: \text{dar}) [V] (x_1: \langle \text{animado} \rangle)_{\text{Agente}} (x_2)_{\text{Meta}} (x_3: \langle \text{animado} \rangle)_{\text{Receptor}}$$

Dik (1997) afirma que as regras abstratas de predicacões subjacentes produzidas pelo marco predicativo especificam as seguintes informações acerca dos predicados subjacentes:

- A variável de predicados f_i simboliza a propriedade ou relação designada pelo predicado;
- A forma do predicado, aqui *give* ‘dar’;

- O tipo de predicado, aqui Verbal (V);
- A valência quantitativa (número de argumentos x_1 , x_2 e x_3) e a valência qualitativa (funções semânticas: agente, meta etc.);
- Equivalência parcial com as frases na forma aparente, pois a ordem dos constituintes na estrutura abstrata não é a mesma das expressões lingüísticas finais. Só no nível das regras de expressão é que o predicado adquire a forma, a ordem e a prosódia da forma aparente (cf. *Figura 1*).

Após serem formadas pelas regras abstratas do marco predicativo, as predicacões subjacentes são derivadas até o nível da predicacão nuclear onde recebem os termos que preenchem suas casas argumentais. É exatamente a inserção dos termos que demonstra a facticidade de uma predicacão, pois um predicado somente se instaura quando há relações entre as diferentes categorias gramaticais que o compõem (NEVES, 2004 e DIK, 1997).

A regra do marco predicativo, observada em (52), é exatamente a regra abstrata de *input* ‘entrada’ do predicado verbal *give* ‘dar’. Essa regra, influenciada por fatores pragmáticos, forma a regra de *output* ‘saída’, observada em (53a). Tal *output* equivale à frase (53b) na forma aparente:

(53) a. Past [(f_i : give) [V] ($d1x_1$: boy)_{Ag} ($d1x_2$: book)_{Go} ($d1x_3$: girl)_{Rec}]
 Passado [(f_i : dar) [V] ($d1x_1$: garoto)_{Ag} (dlx_2 : livro)_{Met} ($d1x_3$: garota)_{Rec}]

- b. The boy gave the book to the girl.
 O garoto deu o livro à garota.

(53a) indica que a expressão lingüística final é subjacentemente produzida sob a forma de um predicado cujo núcleo é um V (*give* ‘dar’). O predicado verbal possui três termos como argumentos (x_1 = boy ‘garoto’, x_2 = *book* ‘livro’, x_3 = *girl* ‘garota’). Tais argumentos são termos determinados *d* e estão no singular *1*. Além disso, a valência qualitativa de cada um dos argumentos é respectivamente: *agente*, *meta* e *receptor*.

Com as predicções nominais, que são constituídas por termos derivados, ocorre um fato um pouco distinto daqueles observados nas predicções verbais. Os predicados nominais são formados mediante a ativação do componente formador de termos e, por isso, suas propriedades predicativas são definidas pelos termos que constituem seu núcleo.

No caso específico de predicções nominais com *Vsup copulativo*, os termos N e A podem, cada um por vez, constituir o núcleo do predicado. Nesse sentido, os *Vsup copulativos* exercem um papel secundário na constituição do predicado, pois somente ligam ou relacionam seus termos:

(54) John is intelligent.

João é inteligente.

Dessa forma, verificamos que núcleo do predicado em (53) é o adjetivo *intelligent* ‘inteligente’.

Dik (1997, p. 198-199) observa que esse tipo de predicado, em línguas como o húngaro, pode omitir o *Vsup copulativo*, quando o mesmo se encontra em contextos frasais de presente do indicativo, terceira pessoa do singular. O autor implicitamente observa que, ao omitir os *Vsup copulativos*, essa língua forma um predicado nominal complexo do tipo *N + A* ou *N + N*:

(55) Péter barna.

Pedro marrom

Pedro é marrom

Esse fato é o que demonstra para o lingüista que os verbos de cópula (ser, estar etc.) servem somente para suportar as informações gramaticais de tempo, modo e aspecto.

Por meio dessas considerações, Dik (1997) propõe a regra do *Vsup copulativo*. Tal regra determina que os *Vsup copulativos* sejam representados subjacentemente pelo operador gramatical π marcador dos traços gramaticais de tempo, modo e aspecto:

(56) *Regra do Vsup Copulativo*

Entrada: predicado π [quaisquer categorias (T)] (x_1) (x_2)...(x_n)

Condições: π = qualquer operador π especificado como diferente de quaisquer outros Verbos [V]

Saída: π = ser, estar predicado [V] [quaisquer categorias (T)] (x_1) (x_2)...(x_n)

Com essa regra, Dik (1997) dá conta de explicar, por exemplo, a não obrigatoriedade de figuração dos *Vsup copulativos* em algumas expressões lingüísticas do húngaro (cf. dado (55)), uma vez que postula que a entidade formal π já representa, abstratamente, os verbos-suporte copulativos, que constituem as expressões lingüísticas do húngaro em sua forma aparente.

No inglês e no português, no entanto, a presença dos verbos copulativos é obrigatória em todas as expressões lingüísticas em que ocorrem, por isso o operador gramatical π sempre representará um verbo-suporte de cópula na forma aparente das expressões lingüísticas dessas línguas.

Dessa maneira, por meio do *input* (57a), obtém-se o *output* (57b) que representa, na forma aparente, a frase (57c):

(57) a. **Past e₁:** intelligent [A] (d1x_i: John [N])_∅

Passado e₁: inteligente [A] (d1x_i: João [N])_∅

b. **Past e₁:** **be** [V] intelligent [A] (d1x_i: John [N])_∅

Passado e₁: **ser** [V] inteligente [A] (d1x_i: João [N])

c. John **was** inteligente.

João **era** inteligente.

(57a) indica que o componente de termos forma uma predicação subjacente com um operador gramatical π marcador de tempo, modo e aspecto, que é ativado, abstratamente,

pelo operador *past* ‘passado’. Esse operador gramatical equivale ao verbo *to be* ‘ser’. A variável e_1 indica o *estado de coisas* \emptyset (nulo). O núcleo do predicado é o adjetivo *intelligent* ‘inteligente’ e, na posição argumental (x_1), há o termo determinado d , singular *I Jonh* ‘João’ (DIK, 1997, p.200).

4.2.1 A Formalização das Construções *Vsup + Na*

A representação formal das construções com verbos-suporte na área de informática a ser apresentada nesta subseção levará em conta os seguintes aspectos:

1. Os verbos-suporte apresentam natureza semântica básica e funcionam como instrumento gramatical (morfológico e sintático) na construção do predicado;
2. Os nomes em posição de Objeto dos verbos-suporte, além de constituírem os núcleos do predicado, determinam, o uso do elemento gramatical caracterizado como verbo-suporte.

A primeira proposição nos leva a adotar, aqui, os preceitos de Dik (1997) sobre as regras subjacentes de produção e formação das construções com *Vsup copulativo*. De modo análogo ao autor, postularemos que os verbos-suporte das construções *Vsup + Na*, por serem instrumentos gramaticais, devem também ser representados, abstratamente, sob a forma do operador gramatical π .

A segunda proposição, baseada em Neves (1999b) e em Borba (1996), será muito importante para a efetivação de nossas propostas, pois nos permitirá demonstrar, por meio da formalização, que o núcleo predicativo nominal das construções com verbos-suporte é o regente de toda a predicação (cf. subseção 4.1.5).

Devemos levar em conta, ainda, que o predicado a ser formalizado é híbrido, pois apresenta um verbo como elemento gramatical. Tal elemento gramatical, apesar do pouco conteúdo semântico, apresenta traços gramaticais, abrindo casas argumentais e exigindo o preenchimento dessas casas por meio de um argumento Sujeito e outro Objeto. Esse último argumento é, como ressaltamos, um *Na* em função de núcleo do predicado.

(58) *Regras para a Formalização das Construções Vsup + N*

núcleo

┌──────────────────────────┐

Entrada: predicado Nominal (x_2) [N] : [π [V] (x_1) (x_2) ... (x_n)]

Condições: π = qualquer operador π -verbo especificado + Nome (N) tal que π seja diferente de quaisquer outros Verbos [V]

núcleo

┌──────────────────────────┐

Saída: predicado (x_2) [N]: [π dar, fazer, ter, tirar [V] (x_1) (x_2)]

A entrada indica a regra abstrata do marco predicativo e pode ser assim parafraseada: a formação de uma predicação subjacente cujo núcleo é o termo ou nome, representado por (x_2) [N], tal que (x_2) [N] determina, abstratamente, a formação do predicado com função verbal [π [V] (x_1) (x_2) ... (x_n)]. O elemento π representa abstratamente um verbo [V] e possui um número indeterminado de argumentos (x_1) (x_2) ... (x_n) .

As condições para que a regra se aplique são: qualquer π especificado + N tal que π seja diferente de quaisquer outros verbos. Já a saída indica: um predicado cujo núcleo nominal (x_2) [N] determina, subjacentemente, o emprego de π . E π representa, na forma aparente, os verbos-suporte da língua portuguesa *dar*, *fazer*, *ter* ou *tirar* possuidores de dois argumentos: (x_1) e (x_2) . O segundo argumento (x_2) é também o núcleo do predicado.

A regra geral de formação de predicados com construções com verbos-suporte, apresentada em (58), é determinada por fatores pragmáticos. Dessa maneira, essa regra somente pode ser aplicada na língua, quando, por fatores de ordem comunicativa, um falante necessita produzir um predicados complexos do tipo *Vsup + N*.

Assim, para formar e produzir o dado empírico na área de informática em (59c), há que se aplicar a regra geral proposta em (58). Tal regra forma, no nível do marco predicativo, o *input*, observado em (59a). Esse *input* origina o predicado subjacente sob a forma do *output* (59b), que equivalente à frase (59c) na forma aparente:

- (59) a. Pres.Indic.3^op.sing.: (ilx₂: <-humano> (x₂) [N]) :
 $[\pi [V] (i1x_1: <-humano> (x_1) [N] : <-humano> [A])_{\text{Forç}} (i1x_2: <-humano> (x_2)\emptyset [N] : [(ilx_2: <-humano>(x_1') [N])_{\text{Met}}])]$
- b. Pres.Indic.3^op.sing.: i1x₂: (digitalização [N]) : $[\pi [V] (i1x_1: gravador [N]: \text{externo [A]})_{\text{Forç}} (i1x_2: \text{digitalização}\emptyset [N] : [(i1x_2: \text{vídeo [N]})_{\text{Met}}])]$
- c. Gravador externo **faz** digitalização de vídeo.

A regra do marco predicativo em (59a) indica a figuração, na predicação subjacente, de um operador gramatical π , que, na forma aparente, representará um verbo- suporte do português, sob a forma de terceira pessoa do singular, do presente do indicativo, conforme verificamos no dado (59c).

Além disso, a regra abstrata de (59a) indica que o núcleo do predicado é o termo (x₂), indeterminado *i*, singular *I* e [-humano]. O núcleo nominal predicativo, (x₂), determina, abstratamente, o emprego do operador gramatical π . π recebe o rótulo [V] e tem, dois termos como argumento: (x₁) indeterminado *i*, singular *I*, [-humano] e (x₂), termo indeterminado *i*, singular *I* e [-humano]. (x₂) [N], como segundo argumento de π , tem, como complemento nominal, um termo indeterminado *i*, singular *I* (x₁').

Por meio do *input* gerado pelo marco predicativo, obtém-se o *output* ou predicado (59b), que apresenta as casas argumentais já preenchidas pelos termos e equivale, como explicamos, à frase (59c) na forma aparente.

Observamos, ademais em (59b), que o segundo argumento de π , *digitalização* (x₂), apesar de não receber papel temático \emptyset , atribui-o a seu complemento nominal *vídeo* (x₁'), *meta*. Discutiremos, na próxima subseção, esse fato.

Diferentemente das propostas de Dik (1997) para as construções *Vsup copulativo* do dados (57a-b-c), propomos que o operador gramatical π sempre figure nas regras abstratas de predicação subjacente, de modo a representar um dos verbos-suporte (*dar, fazer, ter* ou *tirar*) da língua portuguesa, na forma aparente.

Essa consideração é importante, pois evitamos sugerir, na formalização proposta, que o núcleo nominal da construção $V_{sup} + N, (x_2) [N]$, seleciona uma forma verbal da língua portuguesa (*dar, fazer, ter* ou *tirar*). O que os nomes abstratos fazem, nessas regras predicativas abstratas, é determinar, subjacentemente, o emprego do elemento verbalizador π , que, na forma aparente, equivale a um dos verbo-suporte aqui estudados.

4.2.1.1 A Configuração das Funções Sintáticas Sujeito e Objeto

Urge explicar que a formalização, proposta na subseção anterior, somente representa as etapas de formação e produção de predicados subjacentes da TGF no *Fundo Lexical*, nos níveis da predicação nuclear e no nível da predicação central (cf. *Figura 1*, capítulo II).

Como explicado, o nível da predicação nuclear consiste na aplicação a algum predicado de um número apropriado de termos, que preenchem as posições argumentais, antes não preenchidas nas regras abstratas do marco predicativo, como a observada, no dado (59a).

Após o nível de predicação nuclear, o predicado subjacente, já no nível da predicação central, recebe o operador gramatical π_1 , licenciador gramatical das noções de aspectualidade (*perfectividade* e *imperfectividade*) e o satélite σ_1 indicador de modo, velocidade e instrumento (DIK, 1997 e NEVES, 2004).

Borba (2003, p. 63) ressalta que “o aspecto no português é expresso predominantemente por expedientes sintáticos”. Sendo assim, a caracterização e identificação das noções semânticas relacionadas ao aspecto nos predicados complexos estudados devem ser entendidas como composicionais, à medida que essas noções, na língua portuguesa, dependem da combinação ou relação entre palavras no eixo sintagmático. Apresentaremos, na subseção 4.3.1, as questões relacionadas à expressão aspectual nas construções complexas do tipo $V_{sup} + N$.

Neves (2004, p. 90) afirma que há possibilidades de as predicações nuclear e central serem iguais, pois, além de as noções gramaticais relacionadas aos aspecto variarem de língua para língua, o emprego de satélites σ_1 é opcional. Nesse sentido, podemos dizer

que, no dado (59b), abaixo transcrito sob a forma do dado (60), as regras subjacentes de predicação nuclear e central são equivalentes, pois não verificamos, nesse dado, a presença de satélites σ_1 e, tampouco, de operadores gramaticais π_1 caracterizadores, em algumas línguas, mas não no português, de morfemas ou partículas aspectuais.

- (60) a. Pres.Indic.3ºp.sing.: (i1x2: digitalização [N]) : [π [V] (i1x1: gravador [N]: externo [A])_{Forç} (i1x2: digitalização \emptyset [N] : [(i1x2: vídeo [N])_{Met}]]]

No capítulo I, subseção 1.3 e, no capítulo II, subseção 2.2, apresentamos as considerações de Dik (1997) concernentes à configuração semântica dos predicados subjacentes. Assim, ficou explícito que os argumentos dos predicados subjacentes, após serem caracterizados com uma das funções semânticas, podem também ser caracterizados com as funções sintáticas Sujeito e Objeto.

É no nível da predicação estendida que as funções sintáticas Sujeito e Objeto começam a operar nos argumentos (Neves, 2004). Nesse nível de formação de predicados subjacentes, atuam também o operador π_2 que determina, por exemplo, meios gramaticais temporais, como passado, e o satélite *locativo* σ_2 .

Com base nas informações anteriores, partiremos do princípio de que as predicações subjacentes formadoras das construções com verbos-suporte, por já terem suas casas argumentais preenchidas pelos termos (predicação nuclear e central) e receberem as funções semânticas em seus argumentos, podem também ser caracterizadas com as funções sintáticas Sujeito e Objeto, conforme observamos no dado abaixo:

- (61) a. Pres. Indic. 3ª p. sing: i1x2: (gravação) :
 [π (dlx1: DR-MH30: JVC)_{Forç/Suj} (i1x2: gravação: programada) \emptyset /Obj]
- b. O DR-MH30, da JVC, tem 160 Gbytes, **faz gravação programada** e tem recursos para diminuir as falhas tridimensionais e de cores das imagens.

Verificamos, na formalização apresentada em (61a), que o núcleo nominal “gravação”, em posição de Objeto do verbo-suporte *fazer* não recebe função semântica \emptyset .

Esse fato pode ser explicado se levarmos em consideração que os nomes abstratos constituem os núcleos predicativos das construções com verbos-suporte.

De forma generalizada, observamos que as categorias gramaticais que constituem núcleos de predicados (verbos ou nomes) não recebem funções semânticas, mas atribuem essas funções a seus argumentos, como observamos nos predicados verbais plenos, dos dados a seguir:

- (62) a. Sensor **converte** imagens em sinais elétricos.
 b. Pres. 1^a p. sing [(f_i: **converter**) [V] (X₁ sensor [N])_{Forç} (imagens)_{Met}
 (Sinais [N] : elétricos [A])_{Res}]
- (63) a. O DVP642K, da Philips, **lê** vários tipos de arquivo [...].
 b. Pres. Ind. 1^a p. sing [(f_i: **ler**) [V] (DVP642K [N])_{Forç}
 (Vários [A]: tipos [N] :[arquivos [N]])_{Met}]
- (64) a. O NOD32 **varre** os arquivos do disco [...].
 b. Pres. Ind. 1^a p. sing [(f_i: **varrer**) [V] (NOD32)_{Forç} (arquivos)_{Met}
 :[(disco)_{Loc}]

Os dados formalizados (62b), (63b) e (64b) demonstram que os verbos plenos, que constituem o núcleo dos predicados, não recebem funções semânticas, mas determinam essas funções a seus argumentos.

Como já ressaltamos, os nomes abstratos em posição de Objeto das construções com verbo-suporte desempenham a função de núcleo do predicado. Sendo assim, não podem receber, no português, uma função semântica, mas determinam essas funções aos argumentos Sujeito e também aos complementos nominais dos predicados complexos do tipo *Vsup + N*, conforme verificamos nos dados a seguir:

- (65) a. O *software* **faz** a **conversão** dos arquivos.
 b. Pres. Ind. 3^a sing.: (**Conversão**) : [π (software)_{Forç/Suj}
 (**Conversão** \emptyset /Obj : [(arquivos)_{Met}])]_{Proc}

Nos dados (65a-b), (66a-b) e (67a-b), abaixo transcritos sob a forma dos dados (68a-b), (69a-b) e (70a-b), verificamos que os argumentos Sujeito, respectivamente, *software*, *Openbook* e *programa* são configurados, subjacentemente, nos dados “b”, com a função semântica *força*. Essa função semântica caracteriza argumentos que não controlam uma ação, mas que afetam um argumento com função semântica *meta* (cf. capítulo II, subseção 2.4).

- (68) a. O *software* **faz** a **conversão** dos arquivos.
 b. Pres. Ind. 3ª sing.: (Conversão) : [π (software)_{Forç/Suj}
 (*Conversão* \emptyset /Obj : [(arquivos)_{Met}])]Proc
- (69) a. O *OpenBook*, que digitaliza, **faz leituras** de livros [...].
 b. Pres. Ind. 3ª sing.: (Leitura) : [π (OpenBook)_{Forç/Suj}
 (*leituras* \emptyset /Obj : [(livros)_{Met}])]Proc
- (70) a. O programa **faz uma varredura** para encontrar arquivos de mídia nos documentos *Office*.
 b. Pres. 3ª sing: (Varredura) : [π (programa)_{Forç/Suj} (*varredura* \emptyset /Obj
 :[(documentos Office)_{Loc}])]Proc

Observamos, ainda, nos dados (68b) e (69b), que os complementos nominais dos N_a s nucleares *conversão* e *leitura*, respectivamente, *arquivos* e *livros*, são configurados com a função semântica *meta*. No dado (70b), constatamos, no entanto, a configuração da função semântica *força* ao argumento Sujeito, mas verificamos que o complemento nominal do N_a nuclear *varredura* não apresenta a configuração semântica *meta*, mas sim a função *locativa*, equivalente a um satélite do tipo σ_2 .

Apesar disso, não podemos considerar que o *locativo* “nos documentos *Office*”, em (70b), seja um satélite, pois Dik (1997) considera que satélites são elementos opcionais nos predicados e, no dado em questão, esse elemento é requerido pelo nome abstrato, núcleo do predicado complexo, *varredura*.

Assim sendo, diremos que o *locativo* em questão é, na linguagem de especialidade analisada, um complemento nominal ou argumento do nome abstrato *varredura*. Além disso, no dado (70b), percebemos que mesmo o *locativo* é, de certa forma, afetado pela ação não controlada do argumento Sujeito, *força*, à medida que o *programa* vasculha, faz uma checagem ou faz uma *varredura* no conteúdo dos “documentos *Office*”.

De acordo com a definição de Dik (1997, p. 118), abaixo explicitada, diremos que os predicados (68b), (69b) e (70b) apresentam o *estado de coisas processo*:

Focer function marks entities which are presented as instigators of Processes, without having control over this processes. Force cannot be equated with Agents, because there is no control; nor can they be equated with Instruments [...], since Instruments will be reserved for entities which are used by some controller in performing an Action or maintainig a Position (DIK, op. cit).¹⁴

Observamos que Dik relaciona *processos* à função semântica *força*. Assim, essa função, observada na configuração semântica dos argumentos Sujeitos em (68b), (69b) e (70b), determina o *estado de coisas processo*.

4.2.2 Conclusões Preliminares

Nesta seção, demonstramos como foi desenvolvida nossa proposta de formalização das construções com verbos-suporte a partir dos pressupostos da Teoria da Gramática Funcional (1997).

Para propor a formalização, foi preciso que ilustrássemos as considerações de Dik (1997) concernentes à formação de predicados subjacentes verbais e nominais. Apresentamos, inicialmente, a formação dos predicados subjacentes formados pelas regras abstratas do marco predicativo. Em seguida, ilustramos a aplicação das regras subjacentes na formação de predicções verbais plenas e predicções nominais com construções com *Vsup Copulativo*.

¹⁴ A função Força marca entidades que se apresentam como instigadora de Processos, mas essas entidades não têm nenhum controle desses Processos. A função Força não pode ser igualada à função Agente, pois naquela não há controle; nem pode ser igualada à função Instrumento, pois essa função se reserva a entidades que são usadas por um controlador que faz uma Ação ou mantém uma Posição.

As considerações de Dik (1978 e 1997) sobre as construções com *Vsup copulativos* efetivaram nossa proposta de formalização das construções com verbos-suporte estudadas, pois, como demonstramos na seção 4.1, as construções *Vsup copulativos* apresentam características muito semelhantes às construções *Vsup + N*, haja vista que ambas são predicados derivados de termos, formadas por regras produtivas, sincrônica e regulares do componente formador de predicados; ambas apresentam núcleos predicativos nominais e ambas apresentam verbos com traços gramaticais, mas com pouco conteúdo semântico.

Com base nessas considerações, apresentamos, na subseção 4.2.1, dados (58) e (59a-b-c), nossa proposta de formalização das construções com verbos-suporte da área da informática no português do Brasil.

Ao mesmo tempo em que desenvolvemos e apresentamos as regras abstratas de formação de predicados complexos do tipo *Vsup + N*, ilustramos os componentes e níveis de predicação subjacente da TGF, nos quais deveriam ser atribuídas as funções semânticas e sintáticas aos argumentos dos predicados analíticos estudados.

Observamos, com isso, que somente o argumento Sujeito das construções *Vsup + N* recebe função semântica. Esse argumento é o responsável por definir o *estado de coisas* das predicacões. O nome em posição de Objeto das construções com verbos-suporte, como demonstramos, não recebe função semântica, pois funciona como núcleo do predicado e, portanto, tem um papel chave na construção desse predicado complexo, determinando o uso de um verbo-suporte e, também, as características sintático-semânticas do predicado.

Observamos, ainda, que a configuração semântica *força* ao argumento Sujeito é determinante para caracterização do *estado de coisas* expresso pelos predicados complexos estudados na área da informática. Assim sendo, podemos concluir, por meio da análise dos dados (68b), (69b) e (70b) que, nessa área de especialidade, o *estado de coisas processo* é o mais produtivo, pois fatores pragmáticos, como veremos na próxima seção, determinam não somente as características semânticas e morfossintáticas dessas construções, mas também o seu uso.

4.3 A Configuração das Funções Pragmáticas Tópico e Foco

Neves (2004, p. 91) explica que, após receberem as funções sintáticas Sujeito e Objeto e, após o nível da predicação estendida, os predicados subjacentes, já no nível das proposições, podem receber o operador gramatical π_3 identificador de modalidade subjetiva, crença e esperança e também podem ser configurados com o satélite σ_3 , que restringe o valor que o falante confere ao conteúdo das proposições.

Nos termos da TGF, as proposições são definidas como as coisas nas quais as pessoas acreditam, pensam etc. “As proposições podem ser mencionadas, negadas, rejeitadas ou lembradas” (DIK, 1997, p. 52).

Após o nível das proposições, o predicado, já no nível da cláusula, pode expressar os traços que simbolizam os atos de fala, representados pelos operadores ilocucionários π_4 declaração, interrogação e imperatividade e pelos satélites ilocucionários σ_4 (NEVES, 2004).

$$\begin{array}{c}
 [\pi_4 [\pi_3 [\pi_2 [\pi_1 [\text{pred} [\text{T} \text{ args}] \sigma_1] \sigma_2] \sigma_3] \sigma_4] \\
 [\text{.....nuclear..}] \\
 [\text{predicação central.}] \\
 [\text{....predicação estendida...}] \\
 [\text{.....proposição.....}] \\
 [\text{.....cláusula.....}]
 \end{array}$$

Níveis de Formação de Predicados e Termos (DIK, 1997)

Por meio das considerações anteriormente apresentadas, observamos que os níveis da proposição e da cláusula indicam que os predicados subjacentes, além de expressarem traços lingüístico-gramaticais, expressam também traços enunciativos.

O nível da proposição, mas não o da cláusula, está relacionado à estrutura subjacente da cláusula, pois a configuração das funções pragmáticas Tópico e Foco, licenciadas no nível proposicional, ocorre dentro dos limites dos predicados subjacentes, mais especificamente nos argumentos predicativos.

À luz de uma concepção semântica sobre a enunciação, Oliveira (In: Bentes & Mussalim, 2003) observa que:

Na semântica da enunciação, o conceito de pressuposição é substituído pelo de enunciador. Um enunciado se constitui de vários enunciadores que, por sua vez, formam um quadro institucional que referenda o espaço discursivo em que o diálogo vai se desenvolver. A pressuposição, um enunciador presente no enunciado, situa o diálogo no comprometimento de que o ouvinte aceita a voz pressuposta (OLIVEIRA, 2003, p.28).

A pressuposição ou enunciação, na concepção apresentada, relaciona-se a um contexto discursivo, que não está vinculado a questões gramaticais, mas vincula-se, prioritariamente, a questões contextuais, baseadas na comunicação.

Não obstante, como observamos anteriormente, as marcas de proposição, além de estarem relacionadas a questões gramaticais, estão, também, relacionadas a fatores enunciativos ou discursivos, pois veiculam e transmitem as intenções do falante num contexto de interação verbal.

Já as marcas de cláusula, como a declaração e a interrogação, na língua portuguesa, são determinadas fora dos limites dos predicados, pois a caracterização e identificação desses traços lingüísticos, nessa língua, estão subordinadas a fatores contextuais ligados ao momento da enunciação, e não a traços gramaticais inerentes aos predicados, por exemplo, morfemas e partículas.

Como os dados do português analisados neste estudo foram extraídos de fontes escritas, é possível identificar as marcas de cláusula por meio dos caracteres gráficos, que representam, por exemplo, a exclamação e a interrogação. Todavia, esclarecemos que os dados utilizados nesta pesquisa são exclusivamente declarativos.

Dessa maneira, utilizaremos as noções e esclarecimentos acima apresentados, para demonstrar como são aplicadas as funções pragmáticas Tópico e Foco aos constituintes das predicções subjacentes formadoras das construções *Vsup + Na*.

Segundo Dik (1997), funções pragmáticas são aquelas que especificam o *status* informacional dos constituintes predicativos no uso ou num contexto comunicativo. Assim, o autor explica que as funções pragmáticas que se aplicam à constituição interna dos predicados subjacentes são as funções de Tópico e Foco.

A situação comunicativa na qual se aplicam essas funções pragmáticas supõe a presença de um emissor, que objetiva causar mudanças na informação pragmática de seu interlocutor, o receptor. A informação pragmática consiste em um conjunto de conhecimentos, crenças, sentimentos e preconceções do emissor e do receptor (DIK, 1997).

No ato comunicativo, o emissor tenta mudar a informação pragmática do receptor, inferindo as informações (velhas), que acha serem parte da informação pragmática do receptor. A partir dessa inferência, o emissor atua de modo a inserir, no ato comunicativo, novas informações que visam à mudança da informação pragmática do receptor.

Dik (1997) afirma que as expressões lingüísticas, muito freqüentemente, possuem informações velhas e novas que correspondem à *topicidade* e à *focalidade*. A *topicidade* diz respeito ao assunto ou entidade sobre a qual se fala (Tópico), e a *focalidade* se caracteriza por apontar para as partes mais importantes ou salientes daquilo que é falado sobre o Tópico (Foco) (NEVES, 2004).

Nesse sentido, observaremos, a seguir, como são configuradas as funções pragmáticas Tópico e Foco aos predicados abstratos formadores de construções com verbo-suporte que figuram em contextos enunciativos da área da informática:

(71)

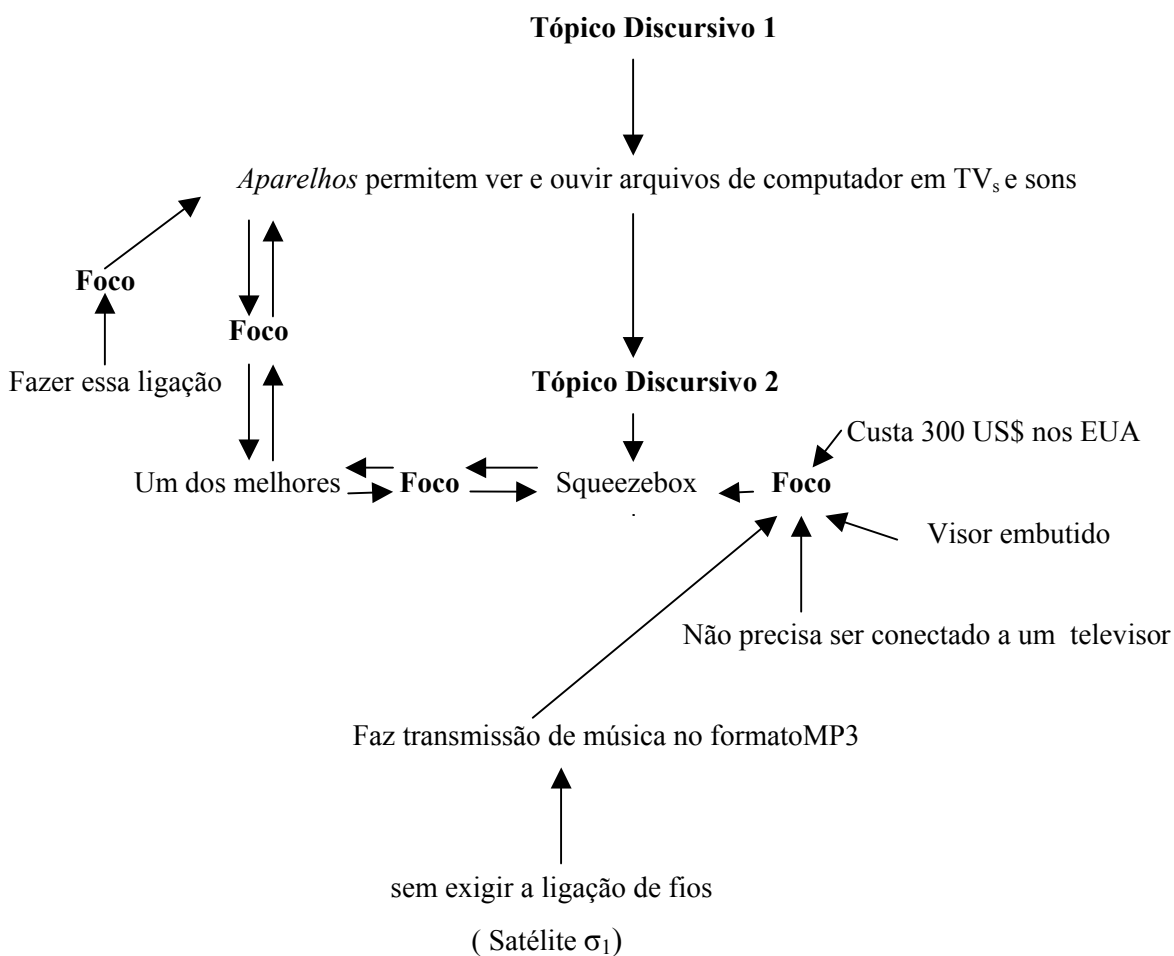
Usar a TV e o aparelho de som para ver e ouvir os arquivos guardados no micro também é atraente. Há vários aparelhos que prometem **fazer essa ligação**. Um dos melhores é o *Squeezebox* (www.slimdevices.com), que custa US\$ 300 nos Estados Unidos e **faz a transmissão** de músicas no formato MP3 sem exigir a ligação de fios. O destaque do aparelho é o visor embutido, que tem duas linhas e promete facilitar a seleção de músicas. O *Squeezebox* não precisa ser conectado a um televisor [...].

O Tópico Discursivo (TD)¹⁵ ou o assunto do enunciado é a atratividade de dispositivos que permitem a utilização de televisores e aparelhos de som para ver e ouvir arquivos de mídia guardados em computadores (cf. linhas 1 e 2).

¹⁵ Cf. Dik (1997) para um maior aprofundamento no conceito de Tópico Discursivo (*Discourse Topic*).

Após a apresentação do TD, genericamente rotulado como *aparelho*, o emissor introduz um segundo Tópico Discursivo, sob a forma específica de *Squeezebox*.

Conforme observamos no esquema textual abaixo ilustrado, recairá sobre esse segundo Tópico Discursivo a maior quantidade de informações novas ou focais, contidas no trecho enunciativo, observado em (71). Já, o primeiro Tópico Discursivo (*aparelhos*) receberá informações focais em menor intensidade:



Partindo da construção textual observada no esquema acima e, sabendo que o *Caderno Informática da Folha de São Paulo* visa a apresentar ao leitor (=receptor) as vantagens de aquisição de novos *softwares* e *hardwares* lançados no mercado, verificamos que o objetivo do enunciado, ora analisado, é apresentar as inúmeras vantagens do *Squeezebox*.

Assim, o escritor (= emissor) do fragmento de texto em (71) tenta causar mudanças na informação pragmática do leitor (= receptor). Para tanto, apresenta inúmeras informações

focais que recaem principalmente sobre o Tópico *Squeezebox*. Dentre as várias informações, destacamos a seguinte: *fazer a transmissão de músicas no formato MP3 sem exigir a ligação de fios*.

- (72) [...] o *Squeezebox* **faz a transmissão** de músicas no formato MP3 sem exigir a ligação de fios.

Em (72), observamos que há dois períodos, o primeiro período, possuidor da construção com verbo-suporte, *fazer transmissão de músicas*, e o segundo: *sem exigir a ligação de fios*. Verificamos que o segundo período funciona como modificador do predicado complexo $V_{sup} + N$ e denota, semanticamente, um valor modal; subjacentemente, representado por um operador satélite σ_1 , como verificamos em (73):

- (73) Pres. Ind. 3ª sing.: (transmissão) : $[\pi (Squeezebox)_{Forç/Suj/Top}$
 (transmissão \emptyset/Obj : [(músicas $_{Met}$: formato MP3)] (σ_1) $_{Modo}$) $_{Foco}$] $_{Proc}$

A formalização acima explicita a operação das funções pragmáticas nas predicções subjacentes que, na forma aparente, equivalem ao predicado $V_{sup} + N$, observado em (72).

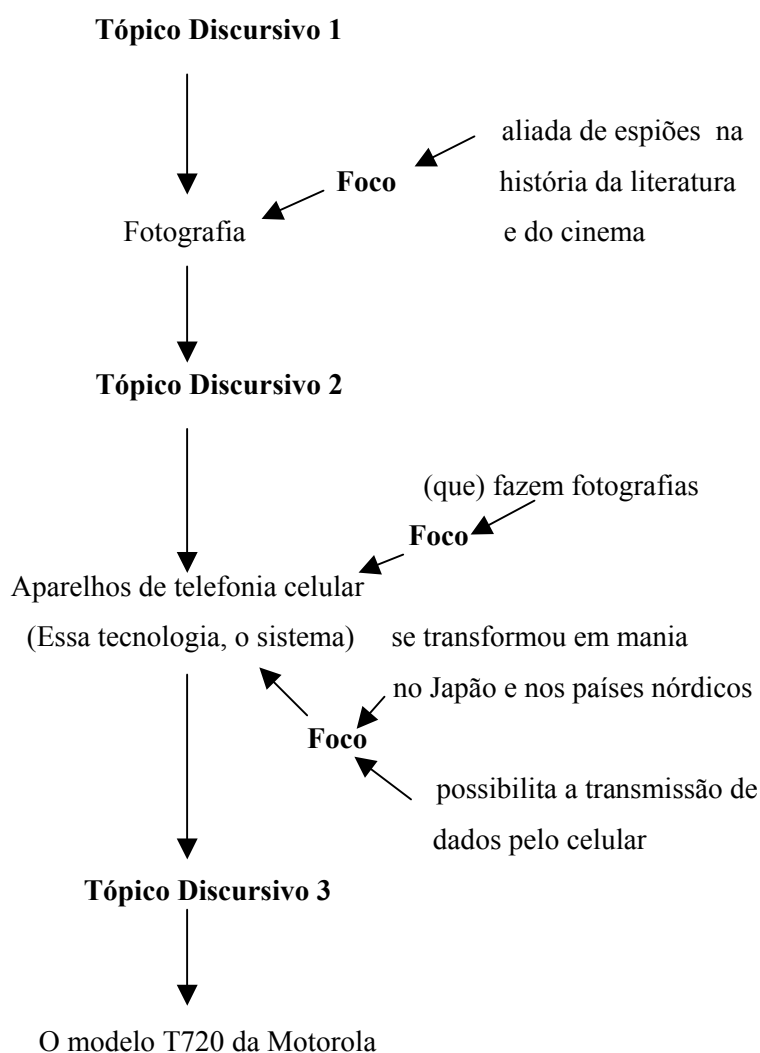
Observamos, ainda, em (73), que o argumento Sujeito, *Squeezebox*, é configurado com a função pragmática Tópico, pois é o assunto sobre o qual se fala no trecho enunciativo, observado em (71). Já o Foco, ou seja, a informação nova, a mais importante dada pelo emissor sobre o Tópico, é todo o predicado *fazer a transmissão de músicas no formato MP3 sem exigir a ligação de fios*.

Ao analisar o fragmento de texto abaixo, observamos um procedimento argumentativo semelhante àquele observado em (71), (72) e (73), pois o emissor, a fim de mudar a informação pragmática do receptor, apresenta as vantagens oferecidas por um outro produto da área da informática.

- (74)
 Fotografia sempre foi uma das maiores aliadas dos espões no mundo real ou na história da literatura e do cinema. Agora, espões ou simplesmente xeretas mundo afora têm seu serviço extremamente facilitado pelos aparelhos de

telefonia celular que **fazem fotografias**. Essa tecnologia, que começa a invadir o mercado nacional, já se transformou em mania no Japão e nos países nórdicos, onde o sistema possibilita a transmissão de dados pelo celular. A Folha testou o modelo T720 da *Motorola*.

O Tópico Discursivo em (74) é *fotografia*. Após apresentar o TD, o emissor (=escritor) introduz um segundo TD, *aparelhos de telefonia celular* cujo um dos Foco é o predicado *fazem fotografias*. A fim de manter presente o segundo TD e não repeti-lo, o emissor utiliza, no enunciado, os sinônimos *essas tecnologias* e *o sistema*. Além disso, verificamos, no último período do texto, que o objetivo do emissor é apresentar ao receptor um tipo específico de aparelho celular capaz de fotografar e transmitir dados, o *T720 da Motorola*.



No esquema textual ilustrado, observamos, uma vez mais, que a maior quantidade de informações focais recai sobre o segundo TD. O primeiro TD fica em segundo lugar no número de informações focais recebidas. Apesar disso, o objetivo final é apresentar ao receptor um tipo específico de aparelho celular: *O modelo T720 da Motorola*.

Ao restringir o contexto de análise aos predicados com construção com verbos-suporte, verificamos, novamente em (75b), que as funções pragmáticas Tópico e Foco se aplicam, respectivamente, ao argumento Sujeito e ao bloco predicativo *Vsup + N*.

(75) a. Aparelhos de telefonia celular (que) **fazem fotografias**.

b. Pres. Ind. 3ª sing.: (fotografias) : [π (Aparelhos de telefonia celular)_{Forç/Suj/Top} (Fotografias)_{Ø/Obj/Foc}]

Como observamos, os predicados *Vsup + N* recebem, na área da informática, a função pragmática Foco. A configuração da função Foco às construções estudadas dá indícios de que essas construções favorecem a expressão de significados especiais e exclusivos aos enunciados da área de especialidade nos quais figuram.

4.3.1 A significação das Construções *Vsup + N* nos Enunciados

Na *Gramática de Usos do Português*, Neves (1999a) observa que o emprego de construções com verbos-suporte favorece significados especiais aos enunciados. Além disso, a autora observa que é um fato que as construções com verbos-suporte correspondem a outros predicados com o mesmo significado básico. Todavia, explica a autora, “o falante deve optar” pelo emprego de uma construção com verbo-suporte, uma vez que o significado obtido por meio desses predicados complexos não é igual àquele expresso pelos predicados verbais plenos.

Assim, Neves (1999a, p. 55-61) destaca, dentre outros, os seguintes efeitos comunicativos e semânticos obtidos, quando do uso de uma construção com verbo-suporte em contextos enunciativos:

- “O uso da construção sintática *verbo-suporte* + *objeto* permite obter-se maior adequação comunicativa, o que ocorre de várias maneiras”, por exemplo: “pode-se escolher uma construção com verbo-suporte num texto científico ou técnico por essa construção pertencer ao jargão da área”.
- “O uso da construção sintática *verbo-suporte* + *objeto* permite a obtenção de efeitos na configuração textual. Pode-se pelo emprego de construções com verbos-suporte operar referenciação”.
- “O uso da construção *verbo-suporte* + *nome* permite fazer remissão textual por meio do emprego de fóricos no sintagma nominal complemento”. A remissão textual divide-se em: anafórica, catafórica, comparativa (de igualdade e de desigualdade) e de referência textual.
- “O uso da construção *verbo-suporte* + *nome* pode levar à obtenção de maior precisão semântica. De fato, as construções com verbo-suporte e as construções correspondentes com verbo pleno têm, basicamente, o mesmo sentido, mas os resultados semânticos obtidos nas duas construções nunca são idênticos. O falante pode, com a opção de construção com verbo-suporte, obter diversos efeitos semânticos”, como “configurar um aspecto verbal particular”.

Verificamos que o uso de construções com verbos-suporte na área da informática constitui prática. Dessa forma, podemos inferir que a formação e a alta produtividade dessas construções, nessa área de especialidade, estão relacionadas aos efeitos comunicativos obtidos com o uso desses predicados.

A fim de verificar se o uso das construções com verbos-suporte favorece, também, na área da informática, aos significados exclusivos e especiais, explicitados em Neves (1999a), procederemos à substituição desses predicados complexos por predicados verbais plenos.

Antes disso, esclarecemos que todos os contextos lingüísticos, nos quais figuram as construções *Vsup* + *N* desta subseção, são empíricos, uma vez que foram extraídos dos

contextos reais de uso, observados nos trechos enunciativos (71) e (74). Já, os predicados verbais plenos, nos dados a seguir, são simulações que servem de experimento para averiguar a validade de nossas inferências.

- (76) a. [...] há vários aparelhos que prometem **fazer essa ligação** [...].
 b. [...] há vários aparelhos que prometem **ligar** [...].

Observamos, em (76a), que o nome abstrato na posição de Objeto do verbo-suporte *fazer* é determinado pelo pronome demonstrativo *essa*, que expressa uma noção referencial do tipo de ligação realizada: não uma qualquer, mas *essa ligação*. Contrariamente, o predicado verbal (76b) não permite referencialidade, mas focaliza, prioritariamente, o evento expresso pelo predicado *ligar*.

Verificamos, ainda, nos dados acima, sentidos distintos concernentes às noções semânticas de aspecto *perfectivo* (concluso) e *imperfectivo* (não concluso). Em (76a), o aspecto, expresso por meio da construção *Vsup + N*, é *imperfectivo*, dado que o núcleo predicativo *ligação* transmite uma leitura não pontual e não conclusa. Contrariamente, em (76b), o aspecto é *perfectivo*, pois a leitura conclusa e pontual é inerente ao predicado verbal pleno *ligar*.

Em (77a), verificamos, novamente, que o *N* em posição de Objeto do verbo-suporte está determinado por um artigo *a*. Essa determinação indica o tipo específico de transmissão feita pelo *Squeezebox*: *a transmissão de músicas*. Essa referenciação focaliza, mais ainda, o Sujeito/Tópico *Squeezebox*, ressaltando-lhe as características e funções.

Em (77b), é impossível fazer tal referenciação, pois o foco informacional recai sobre todo o evento expresso pelo verbo *transmitir*.

- (77) a. [...] o *Squeezebox* **faz a transmissão** de músicas no formato MP3 sem exigir a ligação de fios [...].
 b. [...] o *Squeezebox* **transmite** as músicas no formato MP3 sem exigir a ligação de fios [...].

Entre os dados acima, verificamos, ainda, diferenças de noção aspectual. Em (77a), o aspecto *imperfectivo* é expresso principalmente pelo nome abstrato que ocupa a posição de Objeto. E, em (77b) o aspecto *perfectivo* é produto do predicado verbal pleno *transmitir*.

Em nenhum dos dados abaixo, há referenciação, pois esse fenômeno, como podemos verificara nos dados anteriores, somente ocorre nas construções com verbos-suporte, que apresentam um determinante adjunto ao nome em posição de Objeto dos predicados complexos estudados.

- (78) a. Aparelhos de telefonia celular que **fazem fotografias**.
 b. Aparelhos de telefonia celular que **fotografam**.

Não obstante, observamos que o aspecto em (78a) e, também, em (78b) é *perfectivo*. Contudo, as causas desse efeito semântico, comum a ambos os dados, são distintas.

O nome abstrato *fotografias*, em (78a), denota leitura resultativa, uma vez que *fotografias* é o próprio resultado ou produto da significação expressa pelo bloco predicativo [*fazer fotografias*]. Como a significação expressa é de resultado, o aspecto, nesse dado, é pontual e conclusivo e, portanto, é *perfectivo*. O aspecto *perfectivo*, observado em (78b), é inerente ao evento expresso pelo predicado *fotografar*.

Ainda assim, observamos, no dado (78b), que *fotografar* apresenta, também, como noção de resultado, a entidade *fotografia(s)*. Contudo, percebemos uma diferença de significado tênue entre (78a) e (78b). O resultado obtido a partir do predicado complexo (78a) é mais concreto, pois o próprio nome *fotografias* apresenta referência concreta no mundo real (Borba, 1996). E, em (78b), o foco recai mais sobre o evento processivo de *fotografar* do que sobre o resultado desse evento, *fotografia(s)*.

Constatamos, por meio das análises dos dados (76a-b), (77a-b) e (78a-b), que o uso de um verbo pleno em lugar de uma construção com verbo-suporte não é equivalente, ainda que esses predicados figurem em contextos sintáticos idênticos e possam ser parafraçados. O que demonstra que a formação e a produtividade das construções com verbos-suporte na

área da informática é uma necessidade pragmática, pois, como explicitamos, os efeitos comunicativos obtidos por meio desses predicados complexos são exclusivos.

4.3.2 Conclusões Preliminares

Nesta seção, verificamos como são atribuídas as funções pragmáticas Tópico e Foco às predicções subjacentes formadoras das construções com verbos-suporte da área da informática.

Para que fosse ilustrado o processo de atribuição das funções pragmáticas a essas predicções, foi necessário que analisássemos contextos lingüísticos mais amplos. Sendo assim, ao invés de analisar, somente, frases e sentenças, analisamos, também, enunciados da área da informática em contextos reais de uso.

Verificamos, com isso, que o bloco predicativo $V_{sup} + N$ em uso especializado recebe a função pragmática Foco. Esse fato forneceu indícios de que, na área da informática, fatores pragmáticos subjazem à formação e à alta produtividade dessas construções.

Observamos, ainda, que verbos plenos e construções com verbos-suporte não são equivalentes, mesmo quando são parafraseáveis e figuram em contextos frasais idênticos.

O uso de verbos plenos não permite, por exemplo, referenciação, pois o Foco informacional, nesses predicados, recai sobre o evento expresso pelo predicado e não sobre o as características referenciais ou resultativas relacionadas à entidades da área de informática (Sujeitos/Tópicos).

Contrariamente, o predicado $V_{sup} + N$, receptor da informação focal, permite que as características de seu argumento Sujeito/Tópico, produtos da informática, sejam acentuadas. Esse efeito é causado, principalmente, pela referenciação advinda do emprego de determinantes adjuntos aos nomes em posição de Objeto dos verbos-suporte.

Predicados com verbos plenos e construções com verbos-suporte da área da informática, como demonstramos, podem ainda apresentar leituras semânticas distintas concernentes à expressão aspectual. Ainda que as noções aspectuais entre esses dois predicados sejam iguais, as causas semânticas serão distintas (cf. dados (78a-b)).

Pelos motivos apresentados, constatamos que o emprego das construções com verbos-suporte na área de informática é determinado por fatores pragmáticos, uma vez que alguns efeitos comunicativos e informacionais desejados pelo emissor, quando da produção de textos nessa área especialidade, somente, são possíveis por meio do uso dessas construções.

Analisamos, neste estudo, as construções com verbos-suporte da área da informática, constituídas pelos verbos-suporte *dar*, *fazer*, *ter* e *tirar*. Para efetivar nossas análises, utilizamos os pressupostos teóricos da Gramática Funcional, de Dik (1978, 1997). Esse marco teórico forneceu os elementos necessários e suficientes para corroborar nossas consideração e propostas que partiram da observação de dados empíricos.

Assim, ficaram demonstrados, no capítulo IV, seção 4.1, os processos morfossintáticos, cognitivos e lexicais que envolvem a formação dos dois tipos de construções com verbos-suporte analisadas, quais sejam: (i) as que têm núcleos predicativos, constituídos por unidades terminológicas provindas da língua inglesa; (ii) as que têm núcleos predicativos, constituídos por unidades terminológicas de origem portuguesa.

Por meio do entendimento dos supracitados processos, foi possível verificar os fatores lingüísticos que envolvem, na língua portuguesa, a formação de verbos plenos e a formação de construções com verbos-suporte do tipo (i) e, ainda, foi possível verificar os processos morfossintáticos, que ocorrem no *Fundo Lexical* e permitem a formação dos nomes abstratos de origem portuguesa, que constituem os núcleos predicativos das construções do tipo (ii).

Não obstante, ficou evidenciado que os dois tipos de construções com verbos-suporte estudados apresentam os mesmos princípios lingüísticos de formação, haja vista que ambos os tipos se formam mediante a operação de regras sincrônicas, regulares e produtivas no português e têm suas características gramaticais determinadas pelos nomes abstratos terminológicos que constituem os núcleos do predicado. Nesse sentido, concluímos que os nomes abstratos são os regentes na formação desses predicados complexos.

Após compreender o modo pelo qual se formam as construções pesquisadas, foi possível analisá-las de modo mais objetivo e prático. Sendo assim, aplicamos os princípios operacionais da Teoria da Gramática Funcional aos dados coletados, levando em conta as considerações e as conclusões, explicitadas nos parágrafos anteriores e, ainda, as propostas

de Dik (1997) concernentes às regras abstratas de formação de predicados verbais e nominais subjacentes.

Apresentamos, assim, na subseção 4.2.1, nossa proposta de formalização dos predicados formadores das construções *Vsup + N*. Essa proposta mostrou-se bastante efetiva, não só por captar os fenômenos e fatos expressos pelas construções pesquisadas, mas também por estar em consonância com os princípios teórico-operacionais da Teoria da Gramática Funcional.

A análise formal das construções com verbos-suporte abriu caminho para compreender, explicar e descrever, de modo mais aprofundado, os aspectos gramaticais envolvidos na formação desses predicados complexos e, ainda, evidenciou as causas da alta produtividade e o uso desses predicados na área da informática.

Verificamos, na seção 4.3, que o bloco predicativo *Vsup + N*, recebe a função pragmática Foco. A configuração dessa função pragmática a esse predicado forneceu indícios de que a formação e a produtividade dessas construções, na área de especialidade estudada, estão relacionadas a necessidades comunicativas ou pragmáticas.

A fim de apurar esses indícios, procedemos, na subseção 4.3.1, à substituição das construções pesquisadas por formas verbais plenas equivalentes. Esse experimento confirmou que o uso de verbos plenos em lugar de construções com verbos-suporte não é equivalente, ainda que esses predicados sejam parafraseáveis e figurem em um mesmo contexto lingüístico.

Assim sendo, ficou demonstrado que alguns efeitos comunicativos e informacionais, na área da informática, são obtidos, exclusivamente, com uso de construções com verbos-suporte. Concluimos, pois, que a formação e a alta produtividade dessas construções, nessa área de especialidade, são determinados por fatores pragmáticos.

Diante dos resultados alcançados, observamos, ademais, que o estudo realizado traz importantes contribuições para as pesquisas terminológicas, lexicológicas.

Para a terminologia, o estudo empreendido é importante, uma vez que parte da análise dos nomes terminológicos que constituem os núcleos predicativos das construções com verbos-suporte, subordinando a formação desses predicados analíticos às categorias nominais. Os nomes, como sabemos, são a categoria mais básica de análise terminológica, pois, prototipicamente, retêm e transmitem o conhecimento especializado num determinado âmbito de especialidade.

Assim sendo, foi possível, por meio de nossas análises, considerações e conclusões, entender, explicar e descrever os contextos lingüísticos, nos quais ocorrem essas unidades terminológicas. Verificamos, com isso, que as construções com verbos-suporte, enquanto fraseologismos, transmitem, por meio de seus núcleos predicativos, o conhecimento especializado da área da informática.

Para a lexicologia, o presente estudo é importante, à medida que evidencia os mecanismos de ampliação do léxico da língua portuguesa, quando do recebimento de novas palavras. Verificamos que a formação de algumas construções com verbos-suporte é uma estratégia lexical obrigatória para adaptar os novos vocábulos trazidos por novas tecnologias ao sistema lingüístico do português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, E. *Uma perspectiva léxico-funcional de cristalização e variação nos fraseologismos verbais: A linguagem de especialidade 'Economia / Negócios / Finanças'*. [Dissertação de Mestrado] Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

ALVES, Elisabeth. *Categorias lexicais e funções na linguagem de especialidade da economia*. Tese em andamento, UnB. 2006.

ANDERSON, Stephen. *Where is Morphology?* Linguistic Inquiry. Vol.13. p.571-612. 1982.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. Série Princípios. 5 Edição. Ática. São Paulo. 1998.

BARON, I & HERSLUND, M. Support Verb Constructions as Predicate Frame Formation. In: OLBERTZ, H; HENGEVELD, K & GARCÍA, S et alii (orgs.) *The Structure of the Lexicon in Functional Grammar*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. 1998.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Lucerna. Rio de Janeiro. 2000.

BIDERMAN, Maria Teresa C. *Teoria Lingüística: leitura e crítica*. Martins Fontes. São Paulo-SP. 2001.

BORBA, Francisco. *Uma Gramática de Valências para o Português*. Ática. São Paulo-SP. 1996.

_____. *Organização de Dicionários: uma Introdução à Lexicografia*. UNESP. São Paulo-SP. 2003.

CABRÉ, M T. *La Terminologia, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro*. Revista Debate Terminológico. IULA. Universidade Pompeu Fabra. Barcelona. 2005.

CAFÉ, Ligia. *La Description et L'Analyse des Unités Terminologiques Complexes en Langue Portugaise (Variété Brésilienne): Une Contribution à L' Automatisation de La Banque de Dones Terminologiques du Brasil (BRASILTERM)*. Département de Langues et Linguistique. Faculté de Lettres. Université Laval. Québec. 1997.

CAMARA, M. J. Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 35 ed. Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro.2002.

CARVALHO, NELLY. *Empréstimos Lingüísticos*. Série Princípios. Editora Ática. São Paulo.1989.

CORREIA, M. *Denominação e Construção de Palavras: o caso dos nomes de qualidade em português*. Colibri. Lisboa. 2004.

CUENCA, M. J. & HILFERTY, J. *Introducción a la Gramática cognitiva*. 1 ed. Ariel Lingüística. Barcelona .1999.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Gramática do Português Contemporâneo*. 2 ed. Belo Horizonte. 1975.

DENZIN, N. & LINCOLN, Y. *The Landscape of Qualitative Research: Theories and Issues*. 2 ed.. Sage. Thousand Oaks. London. New Delhi.2003.

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar. Part 1 and 2*. Ed. By Kees Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 1997.

_____. *Gramática Funcional(1978): Traducción, glosario de términos técnicos e introducción a la edición española*. Editado por Fernando Serrano e Leocádio Martin. Sociedade General Española de Librerías, S.A. 1981.

DUARTE, I & BRITO, A. M. *Sintaxe*. In: FARIA, I. H et alii (orgs.). *Introdução à Lingüísticas Geral e Portuguesa*. Caminho. Lisboa.1996.

ESTANY, Anna. *La Conceptualización de la Realidad*. In: CABRÉ, M. T & FELIU, J etc alii (org). *Terminología y Cognición*. IULA. Barcelona. 1999.

FAULSTICH, E. *LEXICOLOGIA a linguagem do noticiário policial*. Horizonte Editora Limitada. Brasília. 1980.

GUTIÉRREZ, Bertha. M. Rodilla. *La Ciencia Empieza en la Palabra: Análisis e Historia del Lenguaje Científico*. Ediciones Península. Barcelona.

ILARY, Rodolfo. *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. Contexto. São Paulo. 2003.

_____. *Introdução ao Estudo do Léxico: brincando com a gramática*. Contexto. São Paulo. 2003.

KATAMBA, F. *Morphology*. Macmillan. London. 1993.

MACKENZIE, J. L. *Predicates and predication*: In: Handbook of Pragmatics (2001). Instalment. 2003.

_____. *Nouns are avalent – and nominalizations too*. Copenhagen. 1997.

_____. *English Nominalizations in the Layered Model of the Sentence*. In: DEVRIENDT et al. (org). *Complex Structures – A Functional Perspective*. Berlin. 1996.

MORENO, Juan Carlos. *Make and the Semantic Origins of Causativity*. Autonomous University of Madrid.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. UNESP. São Paulo-SP. 1999.

_____. *A Gramática Funcional*. Martins Fontes. São Paulo. 2004.

_____. *A Delimitação das Unidades Lexicais: o caso das construções com verbos-suporte*. In: BASÍLIO, M. et alii (orgs). *Palavra n° 5: A Delimitação das Unidades Lexicais*. Unesp. São Paulo.1999.

OLIVEIRA , Marcos B de & Marta Kohl de. *Investigações Cognitivas: Conceitos, Linguagem e Cultura*.1999. Artmed. Porto Alegre. Pp 8-33.

OLIVEIRA, Roberta. P. *Semântica*. In: Mussalin, F & BENTES, Anna C. et alii (orgs). *Introdução à linguística: domínio e fronteiras*. 3 ed. Cortez. São Paulo.2003.

PARSONS, Terense. *Events in the Semantic of English: A Study in Subatomic Semantics*. MIT-Press- Cambridge, Massachusetts.

PEZATTI, Erotilde G. *O Funcionalismo em Lingüística*. In: Mussalim, F & Bentes. Anna C. et alii (orgs). *Introdução à Lingüística 3: fundamentos epistemológicos*. Cortez. São Paulo.2004.

SCHER, Ana Paula. *Semântica Formal. Quais as Propriedades Lexicais de uma Construção com Verbo Leve*. Contexto.São Paulo-SP. 2003. Pp. 205-217.

VARELA, Francisco J; THOMPSON, Evan & ROSCH, Eleanor. *A Mente Incorporada: Ciência Cognitiva e Experiência Humana*. ARTMED. São Paulo-SP. 2003.

DICIONÁRIOS

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Aurélio Eletrônico Século XXI.Versão 3.0*. Nova Fronteira. São Paulo –SP. 1999.

HOUAISS, Antônio.*Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva. Rio de Janeiro.2001.

ONIONS, C.T; FRIEDRICHSEN, G. W.S. & BURCHFIELD, D. *The Oxford Dictionary of English Etymology*. Clarendon Press. Oxford. 1966.

SANTOS, Antônio Carlos dos & ARAÚJO, Regina Borges de. *Dicionário de Informática Multimídia e Realidade Virtual: Inglês- Português*. Melhoramentos. São Paulo.2001.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

<http://www.textworld.com/scp>

<http://www.folha.uol.com.br/folha/informatica>

